

FRANK HERBERT

DI

NA

2ª EDIÇÃO

SÉRIE DUNA - VOLUME 1

**TRADUÇÃO
MARIA DO CARMO ZANINI**

A
ALEPH

Publicado pela primeira vez em 1965, *Duna* é, em retrospecto, o melhor dos grandes romances de ficção científica, e o que mais se manteve relevante. Em parte, porque a história se passa em um futuro distante, em um universo que é radicalmente pós-computadores. Mas era também o livro certo no momento certo – na verdade, ele estava bem à frente de seu tempo. O escritor e jornalista Frank Herbert compreendia a ecologia em uma escala planetária; enquanto as pessoas começavam a pensar, falar e escrever sobre ecologia, e sobre a vida de um planeta como um conjunto de sistemas complexos e interconectados, *Duna* já estava lá, pronto para elas.

O planeta Arrakis – a Duna do título – é um mundo onde a água é o bem mais precioso. Nosso jovial protagonista Paul Atreides é, a exemplo de Valentine Michael Smith, de *Um estranho numa terra estranha*, um messias relutante. Ele vai aprender sobre um planeta e sobre seus habitantes, e se encontrará entre dois mundos.

Os pontos fortes de *Duna* são a profundidade da ambientação do romance e o impacto da ecologia de Arrakis no restante do espaço. A irmandade Bene Gesserit, os Dançarinos Faciais Tleilaxu, a Guilda Espacial, todos têm seu lugar nesse universo. Há bem e mal – sobretudo, na vilania de pantomima dos Harkonnen. Aqui encontramos nobreza, tradição e avanços conceituais, conforme o mundo fica de ponta-cabeça.

Herbert retornaria ao mundo e ao futuro de *Duna* em muitos romances durante as décadas seguintes, mas sem o foco na ecologia e no abuso de poder que havia nos primeiros livros. (Quando eu era garoto, li a continuação *Messias de Duna* – nós tínhamos um exemplar em casa. Consequentemente, sempre considero *Duna* a primeira parte de um romance em duas partes que se conclui com *Messias de Duna*; um romance sobre a ascensão e queda de um salvador guerreiro, parte Alexandre, o Grande, parte Lawrence da Arábia, parte sacrifício místico.) E outros escreveriam mais histórias nesse universo após a morte do autor, com rendimentos decrescentes. Mas nenhum deles diminui as realizações e a grandiosidade de *Duna*.

NEIL GAIMAN
Fevereiro de 2016

Às pessoas cuja labuta ultrapassa as ideias e invade o domínio do “real”: aos ecólogos das terras áridas, onde quer que estejam, não importa a época, fica dedicada esta tentativa de profecia, com humildade e admiração.

livro primeiro

DUNA

É no início que se deve tomar, com máxima delicadeza, o cuidado de dar às coisas sua devida proporção. Disso toda irmã Bene Gesserit sabe. Portanto, para começar a estudar a vida de Muad'Dib, tome o cuidado de primeiro situá-lo em sua época: nascido no quinquagésimo sétimo ano do imperador padixá Shaddam IV. E tome o cuidado mais que especial de colocar Muad'Dib em seu devido lugar: o planeta arrakis. Não se deixe enganar pelo fato de que ele nasceu em caladan e ali viveu seus primeiros quinze anos. Arrakis, o planeta conhecido como duna, será sempre o lugar dele.

- excerto do “Manual de Muad'Dib”, da princesa Irulan

Na semana anterior à partida para Arrakis, quando a agitação dos últimos preparativos chegara a um furor quase insuportável, uma velha veio visitar a mãe do menino, Paul.

Era uma noite quente no Castelo Caladan, e as pedras antigas que serviam de lar à família Atreides havia vinte e seis gerações exalavam aquela sensação de suor resfriado que costumavam adquirir pouco antes do tempo virar.

Fizeram a velha entrar pela porta lateral, que ficava no fim da passagem abobadada perto do quarto de Paul, e deram-lhe a oportunidade de espiar o jovem, deitado em sua cama.

À meia-luz de uma luminária suspensa que pairava perto do chão, o menino, acordado, viu uma volumosa forma feminina parada à porta, um passo à frente de sua mãe. A velha era a sombra de uma bruxa: os cabelos eram um emaranhado de teias de aranha a cobrir-lhe as feições obscuras, e os olhos cintilavam feito joias.

- Ele não é pequeno para a idade, Jéssica? - perguntou a velha. Sua voz chiava e arranhava como um baliset desafinado.

A mãe de Paul respondeu, com seu suave contralto:

– É fato conhecido que os Atreides começam a crescer tarde, Vossa Reverência.

– Foi o que ouvi, foi o que ouvi – chiou a velha. – Mas ele já tem 15 anos.

– Sim, Vossa Reverência.

– Está acordado e nos ouve – disse a velha. – O tratantezinho dissimulado – ela riu disfarçadamente. – Mas a realeza precisa ser dissimulada. E se ele for realmente o Kwisatz Haderach... bem...

Nas sombras de sua cama, Paul tinha os olhos semicerrados. Dois globos ovalados, pássaro-brilhantes – os olhos da velha –, pareceram crescer e refulgir ao fitar os dele.

– Durma bem, seu tratantezinho dissimulado – disse a velha. – Amanhã você precisará de todas as suas faculdades para enfrentar meu gom jabbar.

E ela se foi, empurrando a mãe dele para fora do quarto e fechando a porta com uma batida firme.

Paul ficou deitado, em vigília, perguntando-se: *O que é um gom jabbar?*

Em meio a toda a confusão daquele período de mudança, a velha foi a coisa mais estranha que ele já tinha visto.

Vossa Reverência.

E a maneira como a mulher se dirigira à mãe dele, Jéssica, como se ela fosse uma criada comum, e não o que era de fato: uma Bene Gesserit, a concubina de um duque e a mãe do herdeiro ducal.

Será o gom jabbar alguma coisa de Arrakis que eu tenho de conhecer antes de ir para lá?, ele se perguntou.

Com a boca, ele deu forma às estranhas palavras da mulher: gom jabbar... Kwisatz Haderach...

Ele tivera de aprender tantas coisas. Arrakis era um lugar tão diferente de Caladan que as novas informações deixaram Paul tonto. *Arrakis. Duna. Planeta Deserto.*

Thufir Hawat, o Mestre dos Assassinos de seu pai, explicara tudo: seus inimigos mortais, os Harkonnen, ficaram em Arrakis oitenta anos, dominando o planeta em regime semifeudal, contratados pela Companhia CHOAM para minerar a especiaria geriátrica, o mélange.

Agora os Harkonnen estavam de partida e seriam substituídos pela Casa dos Atreides, com poderes feudais plenos – uma aparente vitória para o duque Leto. Contudo, dissera Hawat, sob as aparências se escondia o mais mortal dos perigos, pois o duque Leto era popular entre as Casas Maiores do Landsraad.

– O homem popular incita a inveja dos poderosos – dissera Hawat.

Arrakis. Duna. Planeta Deserto.

Paul adormeceu e sonhou com uma caverna arrakina, onde se viu completamente cercado por pessoas em silêncio, à luz fraca dos luciglobos. Havia ali algo de solene, era como uma catedral, e ele ouvia um som fraco: o pinga-pinga-pinga de água. Ainda imerso no sonho, Paul sabia que se lembraria dele ao acordar. Ele sempre se lembrava dos sonhos premonitórios.

O sonho desvaneceu.

Paul despertou e viu-se em sua cama quente, pensando... pensando. O mundo do Castelo Caladan, sem brinquedos nem companheiros da mesma idade, talvez não merecesse sua tristeza quando chegasse a hora de se despedir. O dr. Yueh, seu professor, dera a entender que o sistema de classes faufreluches não era seguido à risca em Arrakis. O planeta abrigava um povo que vivia na orla do deserto, sem caid nem bashar que o governasse: um povo arisco chamado fremen, sem registro nos censos da Régate Imperial.

Arrakis. Duna. Planeta Deserto.

Paul percebeu que estava tenso e decidiu praticar uma das lições mentecorporais que sua mãe lhe ensinara. Acionou as respostas com três inspirações rápidas: mergulhou na percepção flutuante... focalizar a consciência... dilatação da aorta... evitar o mecanismo desfocado da consciência... estar consciente por escolha própria... o sangue enriquecido a inundar as regiões de sobrecarga... *não se obtém alimento-segurança-liberdade somente por instinto...* a consciência animal não vai além do imediato nem penetra a ideia de que suas vítimas podem ser extintas... o animal destrói e não produz... os prazeres animais não se afastam dos níveis sensuais e fogem aos perceptuais... o ser humano exige uma rede de contextos para enxergar seu universo... a consciência focalizada por escolha própria, é isso que dá forma à rede... a integridade do corpo segue o fluxo de sangue-nervos de

acordo com a percepção mais profunda das necessidades da célula... todas as coisas/células/criaturas são impermanentes... lutam por uma permanência-fluência interior...

E a lição se repetiu vez após vez na percepção flutuante de Paul.

Quando a luz amarelada da aurora tocou o parapeito da janela de Paul, ele a sentiu através das pálpebras fechadas, abriu-as, escutando o alvoroço reavivado do castelo, e viu as familiares vigas decoradas do teto de seu quarto.

A porta que dava para o vestíbulo se abriu e sua mãe espiou dentro do quarto, com os cabelos cor de bronze velho presos no alto da cabeça por uma fita negra, a face oval despojada de emoção e os olhos verdes fixos e solenes.

– Já está acordado – ela disse. – Dormiu bem?

– Sim.

Ele a estudou em toda a sua altura, viu um vestígio de tensão nos ombros quando ela se pôs a escolher roupas para ele, tirando-as das prateleiras do *closet*. Outra pessoa não teria notado a tensão, mas ela o treinara na Doutrina Bene Gesserit, nas minúcias da observação. Ela se virou, com um paletó quase formal nas mãos. O traje ostentava o gavião vermelho, o timbre dos Atreides, no bolso de cima.

– Vista-se rápido – ela disse. – A Reverenda Madre está esperando.

– Sonhei com ela uma vez – comentou Paul. – Quem é ela?

– Ela foi minha professora na escola da ordem Bene Gesserit. Agora ela é a Proclamadora da Verdade do imperador. E Paul... – ela hesitou. – Fale-lhe de seus sonhos.

– Farei isso. Foi por causa dela que ganhamos Arrakis?

– Nós não ganhamos Arrakis – Jéssica sacudiu o pó de um par de calças e pendurou-o com o paletó sobre o toucador ao lado da cama. – Não faça a Reverenda Madre esperar.

Paul sentou-se sobre a cama e abraçou os joelhos.

– O que é um gom jabbar?

Mais uma vez, o treinamento que ela mesma lhe dera expôs sua hesitação quase invisível, um ato falho que ele interpretou como medo.

Jéssica foi até a janela, abriu as cortinas e olhou na direção do monte Syubi, atrás dos pomares às margens do rio.

– Você saberá ... o que é o gom jabbar daqui a pouco – ela disse.

Ele ouviu o medo na voz dela e ficou admirado.

Jéssica falou, sem se virar:

– A Reverenda Madre está esperando em minha sala de estar. Por favor, apresse-se.

A Reverenda Madre Gaius Helen Mohiam, sentada numa cadeira atapetada, observou mãe e filho se aproximarem. De um lado e de outro, as janelas se abriam para o rio – que fazia uma curva acentuada para o sul – e para as terras cultivadas da propriedade dos Atreides, mas a Reverenda Madre ignorava a vista. A idade lhe pesava naquela manhã, e ela estava muito mal-humorada. Culpava a viagem pelo espaço e a sociedade com a abominável Guilda Espacial e seus métodos sigilosos. Mas a missão exigia a atenção pessoal de uma Bene Gesserit dotada de Visão. Nem mesmo a Proclamadora da Verdade do imperador padixá poderia fugir à responsabilidade quando o dever chamava.

Maldita Jéssica, pensou a Reverenda Madre. Se ao menos tivesse nos dado uma menina, como lhe mandaram fazer.

Jéssica se deteve a três passos da cadeira e fez uma pequena medida, um gesto delicado da mão esquerda a mover o vinco da saia. Paul a cumprimentou com a reverência breve que seu instrutor de dança lhe ensinara – a mesma usada “quando não se sabia ao certo a posição hierárquica da outra pessoa”.

A Reverenda Madre não deixou de perceber as sutilezas do cumprimento de Paul e disse:

– Ele é cauteloso, Jéssica.

Jéssica levou a mão ao ombro de Paul e a contraiu. Por um instante, o medo se fez sentir na pulsação de sua palma. Controlou-se logo em seguida.

– Assim lhe ensinaram, Vossa Reverência.

Do que ela tem medo?, Paul se perguntou.

A velha estudou Paul num relance gestáltico: o rosto oval, como o de Jéssica, mas de ossatura forte... os cabelos: negro-negríssimos como os do duque, mas as sobrancelhas eram as do avô materno, que não se podia nomear, assim como o nariz fino e desdenhoso; a forma dos

olhos verdes e confrontadores: igual à do antigo duque, o avô paterno que havia morrido.

Aquele homem, sim, sabia apreciar a força da bravura... mesmo na morte, pensou a Reverenda Madre.

– Ensinar é uma coisa – ela disse –, o ingrediente fundamental é outra. Veremos. – Os olhos cansados lançaram um olhar duro para Jéssica. – Saia. Vá praticar a meditação da paz.

Jéssica soltou o ombro de Paul.

– Vossa Reverência, eu...

– Jéssica, você sabe que tem de ser feito.

Paul ergueu os olhos e fitou a mãe, confuso.

Jéssica se empertigou.

– Sim... claro.

Paul voltou a olhar para a Reverenda Madre. A boa educação e o óbvio temor que sua mãe nutria pela velha pediam cautela. Mesmo assim, ele sentia uma apreensão zangada diante do medo que sua mãe irradiava.

– Paul... – Jéssica inspirou profundamente. – O teste ao qual você está prestes a se submeter... é importante para mim.

– Teste? – ele a encarou.

– Não se esqueça de que é filho de um duque – Jéssica disse. Ela deu meia-volta e saiu pomposamente da sala, ao som seco e rumorejante de sua saia. A porta se fechou com firmeza tão logo ela saiu.

Contendo a raiva, Paul encarou a velha.

– É assim que se dispensa lady Jéssica, como se ela fosse uma criada?

Um sorriso perturbou os cantos da boca velha e enrugada.

– Lady Jéssica foi minha criada na escola, rapaz, durante catorze anos. – Inclinou a cabeça. – E era muito boa. Agora, venha aqui!

A ordem o atingiu como uma chicotada. Paul se viu obedecendo sem pensar. *Está usando a Voz comigo,* ele pensou. Deteve-se a um gesto da mulher, bem perto de seus joelhos.

– Está vendo isto? – ela perguntou.

Das pregas de suas vestes ela retirou um cubo de metal verde com cerca de quinze centímetros de lado. Ela o girou, e Paul viu que um dos

lados do cubo estava aberto – era negro e estranhamente assustador. A luz não penetrava aquele negror escancarado.

– Insira a mão direita na caixa – ela disse.

O medo tomou Paul de assalto. Ele começou a recuar, mas a velha disse:

– É assim que obedece a sua mãe?

Ele fitou os olhos pássaro-brilhantes.

Lentamente, sentindo a compulsão e incapaz de inibi-la, Paul introduziu a mão na caixa. Sentiu primeiro uma frialdade, como se o negror se fechasse em volta de sua mão, depois o contato oleoso do metal em seus dedos e um formigamento, como se sua mão estivesse dormente.

A fisionomia da velha foi tomada por uma expressão de predador. Ela tirou sua mão direita da caixa e a deixou pairar perto do pescoço de Paul. Ele viu um brilho metálico e começou a se virar na direção...

– Pare! – ela gritou.

Está usando a Voz de novo! Ele voltou a fitar o rosto da mulher.

– Seguro contra seu pescoço o gom jabbar – ela disse. – O gom jabbar, o inimigo despótico. É uma agulha com uma gota de veneno na ponta. A-ah! Não se afaste, ou então provará o veneno.

Paul tentou engolir em seco. Não conseguia desviar os olhos daquele rosto velho e enrugado, dos olhos cintilantes, das gengivas lívidas em volta de dentes argênteos, que refulgiam quando ela falava.

– O filho de um duque *precisa* conhecer os venenos – ela disse. – Assim são os tempos em que vivemos, hein? Musky, para envenenar a bebida. Aumas, para envenenar a comida. Os de efeito rápido, os de efeito lento e os intermediários. Apresento-lhe um novo: o gom jabbar. Só mata animais.

O orgulho venceu o medo de Paul.

– Ousa sugerir que o filho de um duque é um animal? – ele indagou.

– Digamos que estou sugerindo que você talvez seja humano – ela retrucou. – Calma! Um aviso: não tente se desvencilhar. Sou velha, mas minha mão é capaz de enfiar esta agulha em seu pescoço antes de você escapar.

– Quem é você? – ele sussurrou. – Como foi que convenceu minha mãe a me deixar a sós com você? Foi enviada pelos Harkonnen?

– Os Harkonnen? Valha-me, não! Agora, fique quieto. – Um dedo seco tocou-lhe o pescoço e ele conteve o impulso involuntário de saltar para longe.

– Ótimo – ela disse. – Você passou no primeiro teste. Agora, eis como será o resto: se remover a mão da caixa, você morrerá. Essa é a única regra. Mantenha a mão dentro da caixa e você viverá. Retire-a e morrerá.

Paul inspirou fundo, para refrear o tremor.

– Se eu gritar, os criados cairão sobre você em questão de segundos, e você morrerá.

– Os criados não conseguirão passar por sua mãe, que está de guarda do outro lado daquela porta. Pode contar com isso. Sua mãe sobreviveu ao teste. Agora é sua vez. Sinta-se honrado. Raramente submetemos as crianças do sexo masculino a esta prova.

A curiosidade reduziu o medo de Paul a um nível controlável. Ele ouvira a verdade na voz da anciã, não havia como negar. Se sua mãe estava de guarda lá fora... se era realmente um teste... e o que quer que fosse, ele sabia que estava enredado, era prisioneiro daquela mão em seu pescoço: o gom jabbar. Ele se lembrou da resposta da Lítania contra o Medo, extraída do rito das Bene Gesserit, que sua mãe lhe havia ensinado.

Não terei medo. O medo mata a mente. O medo é a pequena morte que leva à aniquilação total. Enfrentarei meu medo. Permitirei que passe por cima e através de mim. E, quando tiver passado, voltarei o olho interior para ver seu rastro. Onde o medo não estiver mais, nada haverá. Somente eu restarei.

Ele sentiu a calma voltar e disse:

– Vamos logo com isso, velha.

– Velha! – ela ralhou. – Você tem coragem, isso é inegável. Bem, veremos, meu senhor. – Ela se inclinou na direção dele e abaixou a voz, reduzindo-a quase a um sussurro. – Você sentirá dor nessa mão dentro da caixa. Dor. Mas, se retirá-la, tocarei seu pescoço com meu gom jabbar... e a morte será tão rápida quanto o machado do carrasco. Se remover a mão, o gom jabbar tomará sua vida. Entendeu?

– O que há na caixa?

- Dor.

Ele sentiu o formigamento na mão aumentar e apertou os lábios. *Como é que isto pode ser um teste?*, ele se perguntou. O formigamento se transformou em coceira.

A velha disse:

- Já ouviu falar de animais que roem a pata para escapar de uma armadilha? É o tipo de truque que um animal usaria. Um ser humano ficaria preso, resistiria à dor e fingiria estar morto, para que pudesse matar o caçador e acabar com essa ameaça a sua espécie.

A coceira transformou-se na mais leve ardência.

- Por que está fazendo isto? - ele indagou.

- Para determinar se você é humano. Fique quieto.

Paul cerrou o punho da mão esquerda quando a sensação de ardência na outra mão aumentou. Ela crescia aos poucos: calor, e mais calor... e mais calor. Sentiu as unhas da mão livre perfurarem-lhe a palma. Tentou flexionar os dedos da mão que queimava, mas não conseguiu movê-los.

- Está queimando - ele murmurou.

- Silêncio!

A dor latejante subiu-lhe pelo braço. O suor brotou de sua testa. Cada fibra de seu corpo gritava para que ele removesse a mão daquele fosso ardente... mas... o gom jabbar. Sem virar a cabeça, ele tentou mover os olhos para ver aquela agulha terrível que pairava perto de seu pescoço. Percebeu que ofegava, tentou acalmar a respiração e não conseguiu.

Dor!

Seu mundo se esvaziou de todo, a não ser por aquela mão imersa em agonia, e o rosto envelhecido, a poucos centímetros de distância, perscrutando-o.

Seus lábios estavam tão secos que ele teve dificuldade para separá-los.

Como queima! Como queima!

Em sua mente, sentiu a pele da mão torturada encaracolar e enegrecer, e a carne crestada cair até restarem somente ossos carbonizados.

E então cessou!

Como se tivessem desligado um interruptor, a dor cessou.

Paul sentiu o braço direito estremecer, sentiu o suor banhar seu corpo.

– Já basta – murmurou a velha. – Kull wahad! Até hoje, nenhuma criança do sexo feminino teve de aguentar tanto tempo. Acho que eu queria ver você fracassar. – Ela se reclinou, retirando o gom jabbar do pescoço dele. – Tire a mão da caixa, jovem humano, e dê uma olhada nela.

Ele resistiu a um calafrio dolorido, fitou o vazio sem luz onde sua mão parecia continuar por vontade própria. A lembrança da dor inibia-lhe todos os movimentos. A razão lhe dizia que veria sair daquela caixa um coto enegrecido.

– Vamos! – ela gritou.

Ele tirou a mão da caixa e a observou, atônito. Nenhuma marca. Nenhum sinal de agonia na pele. Ergueu a mão, girou-a, flexionou os dedos.

– Dor por indução nervosa – ela disse. – Não podemos sair por aí mutilando possíveis seres humanos. Mas há quem daria uma boa soma pelo segredo desta caixa. – Ela devolveu o cubo às pregas de suas vestes.

– Mas a dor... – ele disse.

– Ora, a dor – ela desdenhou. – O ser humano é capaz de dominar qualquer nervo do corpo.

Paul sentiu a mão esquerda dolorida, abriu-a, olhou para as quatro marcas de sangue onde as unhas haviam perfurado sua palma. Deixou a mão cair ao lado do corpo, olhou para a velha.

– Você já fez isso com minha mãe?

– Já peneirou areia? – ela perguntou.

A cutilada tangencial da pergunta arremessou sua mente num estado mais elevado de percepção. *Peneirar areia*. Ele assentiu.

– Nós, Bene Gesserit, peneiramos as pessoas à procura de seres humanos.

Ele ergueu a mão direita, tentando evocar a lembrança da dor.

– E tudo se resume a isto: dor?

– Observei você enquanto sentia dor, rapaz. A dor é somente o eixo do teste. Sua mãe lhe falou de nossos métodos de observação. Vejo

em você as marcas dos ensinamentos dela. Nosso teste é feito de crise e observação.

Ele ouviu a confirmação na voz dela e disse:

– É verdade!

Ela o encarou. *Ele presente a verdade! Seria ele o tal? Seria realmente ele?* Conteve seu entusiasmo, lembrando a si mesma: *A esperança turva a observação.*

– Você sabe quando as pessoas acreditam no que dizem – ela disse.

– Sei.

Ele tinha na voz os harmônicos da habilidade confirmada pela repetição. Ela os ouviu e disse:

– Talvez você seja o Kwisatz Haderach. Sente-se, irmãozinho, aqui a meus pés.

– Prefiro ficar de pé.

– Sua mãe já se sentou a meus pés.

– Não sou minha mãe.

– Você nos odeia um pouco, não? – Ela olhou para a porta e chamou: – Jéssica!

A porta se escancarou e ali estava Jéssica, olhando com frieza para dentro do aposento. O gelo derreteu quando ela viu Paul. Ela esboçou um sorriso tímido.

– Jéssica, você deixou alguma vez de me odiar? – a velha perguntou.

– Eu a amo e odeio ao mesmo tempo – Jéssica respondeu. – Ódio, pelas dores que nunca esquecerei. Amor, por...

– Atenha-se ao essencial – disse a velha, embora houvesse cortesia em sua voz. – Pode entrar agora, mas fique em silêncio. Feche a porta e cuide para que ninguém nos interrompa.

Jéssica entrou, fechou a porta e nela se recostou. *Meu filho vive, pensou. Meu filho vive e é... humano. Eu sabia que era... mas... ele vive. Agora posso continuar vivendo.* A porta contra suas costas dava-lhe a sensação de solidez e realidade. Tudo no recinto parecia, a seus sentidos, imediato e urgente.

Meu filho vive.

Paul olhou para a mãe. *Ela disse a verdade*. Ele queria ir embora para refletir sobre aquela experiência, mas sabia que só poderia sair quando fosse dispensado. A velha havia adquirido uma espécie de poder sobre ele. *Elas disseram a verdade*. Sua mãe tinha se submetido àquele teste. Devia haver nisso um propósito terrível... a dor e o medo foram terríveis. Paul entendia os propósitos terríveis. Eram irrefreáveis. Eram uma necessidade em si mesmos. Paul sentiu-se infectado por um propósito terrível. Não sabia ainda qual.

– Um dia, rapaz – disse a velha –, talvez você também tenha de ficar atrás de uma porta como aquela. É uma questão de hábito.

Paul baixou os olhos e fitou a mão que conhecera a dor, depois voltou a erguê-los, dirigindo-os à Reverenda Madre. O som da voz dela era diferente do de qualquer outra voz que ele já tivesse ouvido na vida. As palavras lhe saíam luminosas. Havia nelas uma agudeza. Sentiu que qualquer pergunta que fizesse a ela produziria uma resposta capaz de alçá-lo de seu mundo de carne e levá-lo a algo maior.

– Por que estão à procura de seres humanos? – ele perguntou.

– Para libertar vocês.

– Libertar?

– Um dia os homens entregaram a própria razão às máquinas, esperando que isso os libertasse. Mas só se deixaram escravizar por outros homens com máquinas.

– “Não criarás uma máquina à semelhança da mente de um homem” – citou Paul.

– É o que dizem o Jihad Butleriano e a Bíblia Católica de Orange – ela disse. – Mas a Bíblia C. O. deveria ter dito: “Não criarás uma máquina para imitar a mente *humana*”. Já estudou o Mentat a seu serviço?

– Eu estudei *com* Thufir Hawat.

– A Grande Rebelião removeu uma muleta – ela continuou. – Obrigou a mente *humana* a se desenvolver. As escolas foram fundadas para treinar os talentos *humanos*.

– As escolas das Bene Gesserit?

Ela assentiu.

– Temos dois grandes remanescentes dessas escolas antigas: as Bene Gesserit e a Guilda Espacial. A Guilda, ao que nos parece, ressalta

a matemática quase pura. As Bene Gesserit exercem uma outra função.

– Política – ele disse.

– Kull wahad! – exclamou a velha, lançando um olhar duro para Jéssica.

– Nunca contei isso a ele, Vossa Reverência – disse Jéssica.

A Reverenda Madre voltou sua atenção para Paul.

– Deduziu isso com pouquíssimas pistas – ela comentou. – Sim, política. A escola original das Bene Gesserit era dirigida por pessoas que julgaram necessário dar continuidade aos interesses humanos. Viram que não poderia haver tal continuidade sem que se separasse a linhagem humana da linhagem animal, para fins reprodutivos.

De repente, as palavras da velha perderam sua agudeza especial. Paul sentiu-se ofendido naquilo que sua mãe chamava de *instinto de honestidade*. Não que a Reverenda Madre estivesse mentindo. Ela obviamente acreditava no que dizia. Era algo mais profundo, algo ligado ao propósito terrível de Paul.

Ele disse:

– Mas minha mãe me contou que, nas escolas, muitas Bene Gesserit desconhecem seus ancestrais.

– As linhagens genéticas estão em nossos arquivos – ela explicou.

– Sua mãe sabe que descende de uma Bene Gesserit ou que sua estirpe era aceitável.

– Então por que ela não sabe quem são seus pais?

– Algumas sabem... Muitas, não. Poderíamos querer procriá-la com um parente próximo, por exemplo, para fixar uma característica genética dominante. Temos vários motivos.

Mais uma vez, Paul sentiu ali um crime contra a honestidade e disse:

– Vocês têm grandes responsabilidades.

A Reverenda Madre o fitou, perguntando-se: *Será que ouvi uma crítica na voz dele?*

– Nosso fardo é pesado – ela disse.

Paul percebeu que ia se livrando cada vez mais da comoção do teste. Ele mediu a velha com o olhar e perguntou:

– Você disse que talvez eu seja o... Kwisatz Haderach. O que é isso, um gom jabbar humano?

- Paul - interveio Jéssica. - Não use esse tom com...
- Deixe que eu cuide disso, Jéssica - cortou a velha. - Ora, meu rapaz, você conhece a droga da Proclamadora da Verdade?
- Vocês a tomam para aprimorar o dom de detectar mentiras - ele respondeu. - Minha mãe me contou.
- Você já viu o transe da verdade?
- Ele chacoalhou a cabeça.
- Não.
- A droga é perigosa - ela disse -, mas nos concede a intuição. Agraciada com a dádiva da droga, a Proclamadora da Verdade enxerga muitos lugares de sua memória, a memória de seu corpo. Estudamos inúmeras vias do passado... mas somente as vias femininas. - A voz dela assumiu um tom tristonho. - Mas há um lugar que nenhuma Proclamadora da Verdade enxerga. Ele nos repele e aterroriza. Dizem que um dia virá um homem que encontrará no dom da droga seu olho interior. Ele verá o que não podemos ver: o passado feminino e o masculino.
- Seu Kwisatz Haderach?
- Sim, aquele que é capaz de estar em muitos lugares ao mesmo tempo: o Kwisatz Haderach. Muitos homens provaram a droga... muitos mesmo, mas nenhum teve êxito.
- Eles tentaram e fracassaram, todos eles?
- Ah, não. - Ela meneou a cabeça. - Eles tentaram e morreram.

Tentar entender Muad'Dib sem entender seus inimigos mortais, os Harkonnen, é tentar enxergar a Verdade sem conhecer a Mentira. É tentar ver a Luz sem conhecer a Escuridão. Não é possível.

- excerto do "Manual de Muad'Dib", da princesa Irulan

Era o globo em relevo de um planeta, parcialmente escondido nas sombras, que girava, impelido por uma mão gorda e cheia de anéis brilhantes. O globo descansava sobre um pedestal assimétrico, junto a uma das paredes de uma sala sem janelas em que as outras paredes apresentavam um mosaico de pergaminhos, bibliofilmes, fitas e rolos de película multicoloridos. A sala era iluminada por esferas douradas que pairavam em campos suspensores portáteis.

Uma escrivaninha elipsoide, com tampo de madeira de elacca petrificada, cor rosa-jade, erguia-se no centro da sala. Ao redor havia cadeiras veriformes suspensas, e duas delas estavam ocupadas. Na primeira, sentava-se um jovem de cabelos escuros, por volta dos 16 anos, de face redonda e olhos soturnos. A outra sustentava um homem esguio, baixo e de rosto efeminado.

Tanto o jovem quanto o homem olhavam fixamente para o globo e para o homem meio escondido nas sombras que o fazia girar.

Uma risada soou ao lado do globo. E do riso saiu uma retumbante voz de baixo:

- Aí está, Piter: a maior ratoeira da história. E o duque segue direto para a armadilha. Não é magnífico o que estou fazendo, eu, o barão Vladimir Harkonnen?

- Certamente, barão - disse o homem. Sua voz era a de um tenor, com um timbre delicado e musical.

A mão gorda baixou sobre o globo e o deteve. Agora todos os olhos presentes na sala poderiam se concentrar naquela superfície imóvel e ver que era o tipo de globo feito para os colecionadores ricos

ou os governadores planetários do Império. Tinha nele a marca característica do artesanato imperial. As linhas de latitude e longitude foram assentadas com finíssimos fios de platina. As calotas polares eram incrustações dos mais belos diamantes leite-nebulosos.

A mão gorda se moveu, traçando os pormenores da superfície.

– Convido vocês a observar – ribombou a voz de baixo. – Observe de perto, Piter, e você também, Feyd-Rautha, meu querido: de sessenta graus norte a setenta graus sul, estas ondulações primorosas. A cor: não lembra deliciosos caramelos? E em lugar nenhum se vê o azul de lagos, rios ou mares. E estas calotas polares adoráveis: tão pequenas. Seria possível confundir este lugar com algum outro? Arrakis! Genuinamente singular. Um cenário soberbo para uma vitória singular.

Um sorriso roçou os lábios de Piter.

– E pensar, barão, que o imperador padixá acredita ter dado ao duque o planeta da especiaria, que pertence ao barão. Que conveniente.

– Que declaração absurda – ribombou o barão. – Você diz isso para confundir o jovem Feyd-Rautha, mas não é necessário confundir meu sobrinho.

O jovem de rosto soturno se mexeu, alisou uma prega dos trajés justos e pretos que vestia. Endireitou-se na cadeira quando uma batida discreta à porta da parede atrás dele se fez ouvir.

Piter desvencilhou-se de sua cadeira, foi até a porta, entreabriu-a o suficiente para receber um cilindro de mensagens. Fechou a porta, desenrolou o cilindro e correu os olhos por ele. Ouviu-se sua risada breve. E mais uma.

– E então? – indagou o barão.

– O idiota nos respondeu, barão!

– E quando foi que um Atreides deixou passar a oportunidade de se exhibir? – perguntou o barão. – E então, o que diz ele?

– Ele é muito descortês, barão. Trata-o por “Harkonnen”, e não por “Sire et Cher Cousin”, sem títulos, nada.

– É um bom nome – o barão grunhiu, e sua voz denunciava impaciência. – O que diz o caro Leto?

– Diz ele: “Declino seu convite para uma reunião. Já enfrentei várias vezes sua deslealdade, e isso é fato conhecido”.

– E? – perguntou o barão.

– Diz ele: “A arte da kanly ainda tem admiradores no Império”. E assina: “Duque Leto de Arrakis”. – Piter começou a gargalhar. – De Arrakis! Que coisa! É engraçado demais para ser verdade!

– Silêncio, Piter – disse o barão, e a gargalhada cessou como se um interruptor a desligasse. – Kanly, é? – fez o barão. – Vendeta, hein? E ele usa o bom e velho termo, tão impregnado de tradição, para garantir que eu entenda que ele está falando sério.

– O gesto de paz partiu do barão – disse Piter. – As formalidades foram respeitadas.

– Para um Mentat, você fala demais, Piter – disse o barão. E pensou: *Tenho de me livrar logo desse aí. Quase já não tem mais serventia.* O barão fitou seu assassino Mentat, do outro lado da sala, e viu nele a característica na qual a maioria das pessoas reparava primeiro: os olhos, duas fendas escuras de azul sobre azul, os olhos que de branco não tinham nada.

Um sorriso largo iluminou o rosto de Piter. Era como o esgar de uma máscara sob aqueles olhos fundos.

– Mas, barão! A vingança nunca foi tão bela. Nunca se viu um plano de tão refinada perfídia: *fazer* Leto trocar Caladan por Duna, e sem outra alternativa, pois é o imperador que o ordena. O barão é um pândego!

Com frieza na voz, o barão disse:

– Você sofre de diarreia verbal, Piter.

– Mas sou feliz, meu barão. Ao passo que o barão... o barão tem é inveja.

– Piter!

– A-ah, barão! Não é lamentável que não tenha sido capaz de arquitetar essa trama deliciosa sozinho?

– Um dia desses ainda mando estrangular você, Piter.

– Tenho certeza de que sim, barão. Enfim! Mas uma boa ação sempre vale a pena, não é?

– Você andou mascando verité ou semuta, Piter?

– A verdade destemida surpreende o barão – disse Piter. Seu rosto se reduziu à caricatura de uma máscara ranzinza. – Ah-rá! Mas veja só, barão, sendo eu um Mentat, sei quando mandará o executor. O barão irá se conter enquanto eu for útil. Agir antes disso seria um desperdício, e ainda tenho muita serventia. Sei o que aprendeu com aquele adorável planeta Duna: nada de desperdício. Não é verdade, barão?

O barão continuou a encarar Piter.

Feyd-Rautha se contorceu em sua cadeira. *Esses idiotas brigões!*, pensou. *Meu tio não é capaz de conversar com seu Mentat sem discutir. Será que acham que eu não tenho nada a fazer, a não ser ouvir seus bate-bocas?*

– Feyd – disse o barão. – Eu disse a você para escutar e aprender quando o convidei para esta reunião. Está aprendendo?

– Sim, tio – a voz lhe saiu cautelosamente submissa.

– Às vezes eu me espanto com Piter – disse o barão. – Causo sofrimento por necessidade, mas ele... posso jurar que ele se delicia com isso. Quanto a mim, tenho pena do pobre duque Leto. O dr. Yueh logo irá traí-lo e será o fim dos Atreides. Mas é certo que Leto saberá quem instruiu o dócil doutor... e saber disso será uma coisa terrível.

– Então por que não instruiu o médico a enfiar um kindjal entre as costelas de Leto, o que seria mais discreto e eficaz? – Piter perguntou. – Você diz ter pena, mas...

– O duque *precisa* saber que fui eu o causador de sua ruína – disse o barão. – E isso tem de chegar aos ouvidos das outras Casas Maiores. Saber disso as fará pensar duas vezes. Ganharei um pouco mais de espaço de manobra. A necessidade é óbvia, mas não preciso gostar disso.

– Espaço de manobra – desdenhou Piter. – O imperador já está de olho no barão. O barão age com demasiada audácia. Um dia desses, o imperador mandará uma ou duas legiões de seus Sardaukar descer aqui em Giedi Primo, e será o fim do barão Vladimir Harkonnen.

– Você adoraria ver isso acontecer, não é, Piter? – o barão perguntou. – Você teria prazer em ver o Corpo dos Sardaukar pilhar minhas cidades e saquear meu castelo. Você realmente adoraria isso.

– E o barão ainda pergunta? – murmurou Piter.

– Você deveria ser bashar da corporação – disse o barão. – Gosta demais de sangue e dor. Talvez eu tenha me precipitado ao prometer os despojos de Arrakis.

Piter deu cinco passos curiosamente afetados pela sala e parou bem atrás de Feyd-Rautha. Havia uma atmosfera tensa no recinto, e o jovem ergueu os olhos na direção de Piter, com o cenho preocupado e franzido.

– Não brinque com Piter, barão – disse o Mentat. – Você me prometeu lady Jéssica. Você a prometeu para mim.

– Para quê, Piter? – perguntou o barão. – Dor?

Piter o encarou, prolongando o silêncio.

Feyd-Rautha moveu sua cadeira suspensa de lado e disse:

– Tio, tenho mesmo de ficar? Disse que...

– Meu querido Feyd-Rautha está ficando impaciente – o barão disse. Ele se mexeu nas sombras ao lado do globo. – Paciência, Feyd. – Voltou sua atenção mais uma vez para o Mentat. – E quanto ao duquezinho, o menino Paul, meu caro Piter?

– A armadilha irá trazê-lo até o barão – Piter resmungou.

– Não foi isso que perguntei – disse o barão. – Você deve se lembrar de ter predito que a bruxa Bene Gesserit daria uma filha ao duque. Você errou, hein, Mentat?

– Eu não costumo errar, barão – Piter disse e, pela primeira vez, havia medo em sua voz. – Admita: eu não costumo errar. E o barão bem sabe que a maioria dessas Bene Gesserit tem filhas. Até mesmo a consorte do imperador só gerou mulheres.

– Tio – disse Feyd-Rautha –, você falou que havia algo importante aqui para eu...

– Ouça só o meu sobrinho – disse o barão. – Ele almeja controlar meu baronato, mas não consegue controlar a si mesmo. – O barão se mexeu ao lado do globo, uma sombra entre sombras. – Muito bem, então, Feyd-Rautha Harkonnen, eu o convoquei esperando ensinar-lhe alguma coisa. Observou nosso bom Mentat? Deve ter aprendido algo com nossa conversa.

– Mas, tio...

– Um Mentat efficientíssimo, o Piter, não acha, Feyd?

– Sim, mas...

– Ah! *Mas*, de fato! Mas ele consome muita especiaria, devora-a feito doce. Veja os olhos dele! Poderia ter saído diretamente do proletariado arrakino. Eficiente, o Piter, *mas* ele ainda é emotivo e propenso a acessos passionais. Eficiente, o Piter, *mas* ele ainda é capaz de errar.

Piter falou num tom grave e soturno:

– Chamou-me aqui para depreciar minha eficiência com críticas, barão?

– Depreciar sua eficiência? Você sabe que eu não faria isso, Piter. Desejo apenas que meu sobrinho entenda as limitações de um Mentat.

– Já está treinando meu substituto? – Piter indagou.

– Substituir *ocê*? Ora, Piter, onde eu encontraria outro Mentat com sua astúcia e seu veneno?

– No mesmo lugar onde me encontrou, barão.

– Talvez eu devesse tentar – o barão contemplou a ideia. – Você parece mesmo um pouco instável ultimamente. E a especiaria toda que come!

– Meus prazeres são caros demais, barão? Faz alguma objeção a eles?

– Meu caro Piter, seus prazeres são o que o prendem a mim. Como eu poderia fazer objeção a isso? Simplesmente desejo que meu sobrinho observe essa característica em você.

– Então estou em exposição – Piter disse. – Querem que eu dance? Que eu desempenhe minhas várias funções para o ilustre Feyd-Rau...

– Exatamente – disse o barão. – Você está em exposição. Agora, faça silêncio. – Ele olhou de relance para Feyd-Rautha, reparando nos lábios do sobrinho, cheios e salientes, o marcador genético dos Harkonnen, agora ligeiramente retorcidos de graça. – Isto é um Mentat, Feyd. Foi treinado e condicionado para desempenhar certos deveres. Contudo, não se deve ignorar o fato de que está encerrado num corpo humano. Um inconveniente grave, esse. Às vezes acho que os antigos, com suas máquinas pensantes, é que estavam certos.

– Não passavam de brinquedos comparadas a mim – Piter rosou. – O barão mesmo conseguiria superar aquelas *máquinas*.

– Talvez – disse o barão. – Ah, bem... – Inspirou profundamente, arrotou. – Agora, Piter, resume para meu sobrinho os aspectos mais

importantes de nossa campanha contra a Casa dos Atreides. Seja nosso Mentat, por favor.

– Barão, eu avisei para não confiar essa informação a alguém tão jovem. Minhas observações...

– Cabe a mim julgar isso – disse o barão. – Estou lhe dando uma ordem, Mentat. Desempenhe uma de suas várias funções.

– Que seja – Piter disse. Ele se empertigou, assumindo uma estranha postura de dignidade, como se fosse mais uma máscara, dessa vez a cobrir-lhe o corpo todo. – Daqui a alguns dias-padrão, toda a família do duque Leto irá embarcar numa nave de carreira da Guilda Espacial rumo a Arrakis. A Guilda os deixará na cidade de Arrakina, e não em nossa Cartago. O Mentat do duque, Thufir Hawat, terá concluído corretamente que Arrakina é mais fácil de defender.

– Preste atenção, Feyd – disse o barão. – Observe os planos dentro de planos dentro de planos.

Feyd-Rautha assentiu com a cabeça, pensando: *Agora, sim. O monstrengo velho está finalmente me colocando a par de alguns segredos. Deve ser porque realmente me quer como seu herdeiro.*

– São várias as possibilidades tangenciais – Piter disse. – Eu prevejo que a Casa Atreides irá para Arrakis. No entanto, não devemos ignorar a possibilidade de que o duque tenha contratado a Guilda para levá-lo a um local seguro fora do Sistema. Em circunstâncias semelhantes, outras Casas desertaram, levando suas armas atômicas e seus escudos, fugindo para longe do alcance do Imperium.

– O duque é um homem orgulhoso demais para isso – disse o barão.

– É uma possibilidade – Piter disse. – Contudo, o resultado final, para nós, seria o mesmo.

– Não seria, não! – grunhiu o barão. – Eu o quero morto e sua estirpe extinta.

– Isso é mais provável – Piter disse. – Certos preparativos indicam quando uma Casa vai desertar. O duque não parece estar fazendo nada disso.

– Então – o barão suspirou. – Continue, Piter.

– Em Arrakina – Piter disse –, o duque e sua família irão ocupar a Residência Oficial, que há pouco tempo era o lar do conde Fenring e de

sua esposa.

– O Embaixador dos Contrabandistas – riu o barão.

– Embaixador do quê? – perguntou Feyd-Rautha.

– Seu tio fez uma piada – Piter disse. – Ele chama o conde Fenring de Embaixador dos Contrabandistas, indicando o interesse do imperador no contrabando em Arrakis.

Feyd-Rautha dirigiu um olhar confuso para o tio.

– Por quê?

– Não seja estúpido, Feyd – retrucou o barão. – Enquanto, para todos os efeitos, a Guilda continuar fora do controle imperial, como poderia ser diferente? De que outra maneira os espões e assassinos conseguiriam andar por aí?

A boca de Feyd-Rautha fez um mudo “hããã”.

– Preparamos algumas distrações na Residência Oficial – disse Piter. – Haverá um atentado contra a vida do herdeiro Atreides, um atentado que pode muito bem ter êxito.

– Piter – o barão ribombou –, você previu...

– Eu previ que acidentes eram possíveis – Piter disse. – E o atentado tem de parecer legítimo.

– Ah, mas o rapaz tem um corpo tão jovem e saboroso – disse o barão. – Naturalmente, ele pode ser mais perigoso que o pai... treinado como vem sendo por sua mãe bruxa. Mulher maldita! Ah, bem, por favor, Piter, continue.

– Hawat acabará adivinhando que temos um agente infiltrado – Piter disse. – O suspeito óbvio é o dr. Yueh, que é, de fato, nosso agente. Mas Hawat já o investigou e descobriu que nosso médico é formado pela Escola Suk e foi submetido ao Condicionamento Imperial: é supostamente seguro o bastante para atender até mesmo o imperador. Dá-se grande importância ao Condicionamento Imperial. Supõe-se que não seja possível remover o condicionamento definitivo sem matar o indivíduo. Contudo, como alguém já disse, é possível mover um planeta com a alavanca certa. Encontramos a alavanca para mover o médico.

– Como? – Feyd-Rautha perguntou. Achou o assunto fascinante. *Todo mundo* sabia ser impossível subverter o Condicionamento Imperial!

- Fica para outra vez - disse o barão. - Continue, Piter.
- No lugar de Yueh - Piter disse -, colocaremos no caminho de Hawat um suspeito interessantíssimo. A própria audácia dessa mulher chamará a atenção de Hawat.
- Mulher? - Feyd-Rautha perguntou.
- Lady Jéssica em pessoa - disse o barão.
- Não é sublime? - Piter perguntou. - A mente de Hawat estará tão às voltas com essa possibilidade, que isso prejudicará suas funções como Mentat. Pode ser até que tente matá-la. - Piter franziu o cenho e acrescentou: - Mas não pense que ele terá êxito.
- Você não quer que ele faça isso, não é? - o barão perguntou.
- Não me distraia - Piter disse. - Enquanto Hawat estiver ocupado com lady Jéssica, desviaremos ainda mais sua atenção com insurreições em algumas vilas fortificadas etc. Elas serão debeladas. É preciso que o duque acredite obter um certo grau de segurança. Então, quando chegar a hora, mandaremos um sinal para Yueh e atacaremos com nossa força principal... ah...
- Vá em frente, conte-lhe tudo - disse o barão.
- Atacaremos reforçados por duas legiões de Sardaukar vestindo os uniformes da Casa Harkonnen.
- Sardaukar! - murmurou Feyd-Rautha. Sua mente se concentrou nas temidas tropas imperiais, nos assassinos impiedosos, nos fanáticos-soldados do imperador padixá.
- Veja como confio em você, Feyd - disse o barão. - Nenhum sinal dessa trama jamais deverá chegar aos ouvidos de uma outra Casa Maior, senão o Landsraad pode se unir contra a Casa Imperial, e será o caos.
- O principal - disse Piter - é que, como a Casa Harkonnen está sendo usada para fazer o serviço sujo do Império, ganharemos uma vantagem de verdade. É uma vantagem perigosa, claro, mas, se usada com cuidado, trará mais dinheiro à Casa Harkonnen do que a qualquer outra Casa do Imperium.
- Você não faz ideia do montante envolvido, Feyd - disse o barão.
- Nem em seus sonhos mais absurdos. Para começar, teremos um cargo irrevogável na diretoria da Companhia CHOAM.

Feyd-Rautha concordou com a cabeça. Dinheiro era tudo. A CHOAM era a chave para o dinheiro, pois todas as Casas nobres tiravam o que podiam dos cofres da empresa, valendo-se da autoridade de seus diretores. Esses cargos de diretoria da CHOAM... eles eram a prova real de poder político no Imperium e trocavam de mãos acompanhando a inconstância da força dos votos no Landsraad, que tentava se equiparar ao imperador e seus partidários.

– O duque Leto – Piter disse – talvez tente pedir asilo à nova rale fremen na orla do deserto. Ou pode ser que tente mandar sua família para essa ilusão de segurança. Mas essa rota será bloqueada por um dos agentes de Sua Majestade: o ecólogo planetário. Você talvez se lembre dele: Kynes.

– Feyd se lembra dele – disse o barão. – Continue.

– Babar é muito feio, barão – disse Piter.

– Continue, estou mandando! – o barão berrou.

Piter deu de ombros.

– Se tudo sair como o planejado – ele disse –, a Casa Harkonnen terá um subfeudo em Arrakis no prazo de um ano-padrão. Seu tio terá o governo desse feudo. O agente pessoal do barão mandará em Arrakis.

– Mais lucro – disse Feyd-Rautha.

– Verdade – disse o barão. E pensou: *Nada mais justo. Fomos nós quem domesticamos Arrakis... a não ser pelos poucos fremen mestiços que se escondem às margens do deserto... e alguns contrabandistas inofensivos, apegados ao planeta quase tanto quanto os trabalhadores nativos.*

– E as Casas Maiores irão saber que o barão destruiu os Atreides – Piter disse. – Elas irão saber.

– Irão saber – murmurou o barão.

– E o melhor de tudo – disse Piter – é que o duque também saberá. Ele já sabe. Já percebeu a armadilha.

– É verdade que o duque sabe – disse o barão, e sua voz tinha um quê de tristeza. – Não haveria como não saber... o que é ainda mais digno de pena.

O barão se afastou do globo de Arrakis. Ao sair das sombras, sua pessoa ganhou dimensão: imensa e excessivamente gorda. E com protuberâncias discretas sob as pregas de suas vestes escuras, revelando que toda aquela banha era parcialmente sustentada por

suspensores portáteis presos a sua pele. Ele talvez pesasse realmente duzentos quilos-padrão, mas seus pés não carregavam mais do que cinquenta.

– Tenho fome – ribombou o barão, esfregando os lábios salientes com a mão cheia de anéis e olhando feio para Feyd-Rautha, com seus olhos gordos. – Mande trazer a comida, meu querido. Vamos comer antes de nos recolhermos.

Assim falou Santa Alia da Faca: “A Reverenda Madre tem de combinar os artifícios sedutores de uma cortesã com a majestade intocável de uma deusa virgem, mantendo esses atributos em tensão enquanto durarem os poderes de sua juventude. Pois, quando a juventude e a beleza tiverem passado, ela descobrirá que o entrelugar, antes ocupado pela tensão, tornou-se uma fonte de astúcia e habilidade”.

- excerto de “Muad’Dib: Memorial da Família”, da Princesa Irulan

- Bem, Jéssica, o que tem a dizer em sua defesa? – perguntou a Reverenda Madre.

Era quase crepúsculo no Castelo Caladan, no dia do ordálio de Paul. As duas mulheres encontravam-se a sós na sala de estar de Jéssica, e Paul esperava no aposento contíguo, a Câmara de Meditação à prova de som.

Jéssica estava de pé, de frente para as janelas da parede sul. Ela via, sem enxergar, as cores do fim de tarde que se amontoavam do outro lado do prado e do rio. Ela ouviu, sem escutar, a pergunta da Reverenda Madre.

Tinha havido um outro ordálio um dia, tantos anos antes. Uma menina magricela, de cabelos cor de bronze, com o corpo torturado pelos ventos da puberdade, entrara no estúdio da Reverenda Madre Gaius Helen Mohiam, censora superiora da escola Bene Gesserit em Wallach IX. Jéssica olhou para sua mão direita, flexionou os dedos, lembrando-se da agonia, do terror, da raiva.

- Pobre Paul – ela murmurou.

- Eu fiz uma pergunta! – a voz da velha saiu áspera, exigente.

- O quê? Ah... – Jéssica afastou à força sua atenção do passado e encarou a Reverenda Madre, que estava sentada com as costas voltadas

para a parede de pedra entre as duas janelas a oeste. – O que quer que eu diga?

– O que eu quero que diga? O que eu quero que diga? – a voz envelhecida meio que fez uma imitação cruel.

– Sim, tive um filho homem! – Jéssica se irritou. E ela sabia que era incitada deliberadamente a se enfurecer.

– Você foi instruída a dar apenas filhas ao Atreides.

– Significava tanto para ele – protestou Jéssica.

– E você, tomada pelo orgulho, imaginou-se capaz de gerar o Kwisatz Haderach!

Jéssica ergueu o queixo.

– Pressenti essa possibilidade.

– Você pensou somente no desejo de seu duque de ter um filho homem – a velha disse, ríspida. – E os desejos dele não contam. Uma moça Atreides poderia ter se casado com um herdeiro Harkonnen e acabado com a rixa. Você complicou irremediavelmente as coisas. Podemos perder as duas linhagens agora.

– Vocês não são infalíveis – Jéssica disse. Ela enfrentou com bravura o olhar firme e penetrante daqueles olhos envelhecidos.

Imediatamente, a velha resmungou:

– O mal já está feito.

– Jurei nunca me arrepender de minha decisão – Jéssica disse.

– Quanta nobreza – desdenhou a Reverenda Madre. – Sem arrependimentos. Veremos quando você for uma fugitiva com a cabeça a prêmio e quando a mão de todo homem se voltar contra você para tirar sua vida e a de seu filho.

Jéssica empalideceu.

– Não há alternativa?

– Alternativa? Isso é pergunta que uma Bene Gesserit faça?

– Pergunto apenas o que você vê no futuro com suas habilidades superiores.

– Vejo no futuro o que via no passado. Você conhece bem os padrões daquilo que fazemos, Jéssica. A raça conhece a própria mortalidade e teme a estagnação de sua hereditariedade. Está no sangue: a necessidade de misturar as linhagens genéticas sem

planejamento. O Imperium, a Companhia CHOAM, todas as Casas Maiores não passam de minúsculos destroços na esteira do dilúvio.

– A CHOAM – Jéssica murmurou. – Suponho que já tenham decidido como serão redivididos os despojos de Arrakis.

– O que é a CHOAM se não o barômetro de nossos tempos? – a velha disse. – O imperador e seus amigos agora detêm cinquenta e nove por cento dos votos na diretoria da CHOAM. Certamente sentem o cheiro dos lucros e, tão provável quanto os outros sentem o cheiro desses mesmos lucros, a força de seus votos irá crescer. É o padrão da história, menina.

– Com certeza é o que preciso agora – Jéssica disse. – Uma revisão da história.

– Não seja jocosa, menina! Você conhece tão bem quanto eu as forças que nos cercam. Temos uma civilização tríplice: a Família Imperial de um lado, a Federação das Casas Maiores do Landsraad de outro, e, entre os dois, a Guilda, com seu maldito monopólio do transporte interestelar. Na política, o tripé é a mais instável de todas as estruturas. Já seria bem ruim sem a complicação de uma cultura comercial feudal que dá as costas para grande parte da ciência.

Jéssica falou com rancor:

– Lascas na esteira do dilúvio: e esta lasca aqui é o duque Leto; e esta outra, seu filho; e esta...

– Ora, cale-se, menina. Você se meteu nisso sabendo muito bem que andaria sobre o finíssimo fio de uma navalha.

– “Sou Bene Gesserit: existo apenas para servir” – citou Jéssica.

– Verdade – disse a velha. – E por ora só nos resta torcer para que consigamos evitar que isso irrompa numa conflagração generalizada, para que salvemos o que for possível das linhagens cruciais.

Jéssica fechou os olhos, sentindo as lágrimas pressionarem suas pálpebras. Ela resistiu ao estremecimento interior, ao estremecimento exterior, à respiração irregular, à pulsação desigual, à transpiração das palmas. Sem hesitar, disse:

– Pagarei por meu próprio erro.

– E seu filho pagará com você.

– Eu o protegerei como puder.

– Proteger – cortou a velha. – Você sabe muito bem que há aí um

ponto fraco! Se proteger demais seu filho, Jéssica, ele não irá se fortalecer o suficiente para cumprir destino *algum*.

Jéssica se virou, olhou pela janela, para as trevas que se reuniam.

– É assim tão terrível esse planeta Arrakis?

– É bem ruim, mas não de todo. A Missionaria Protectora passou por lá e suavizou um pouco as coisas. – A Reverenda Madre ficou de pé, com dificuldade, alisou uma prega em suas vestes. – Peça ao garoto para entrar. Preciso partir em breve.

– Precisa?

A voz da velha se enterneceu.

– Jéssica, minha menina, eu queria poder tomar seu lugar e suas dores. Mas cada uma de nós tem de trilhar o próprio caminho.

– Eu sei.

– Você me é tão cara quanto qualquer uma de minhas filhas, mas não posso deixar isso interferir no meu dever.

– Eu entendo... a necessidade.

– O que você fez, Jéssica, e por que o fez, nós duas já sabemos. Mas a bondade me obriga a lhe dizer que são poucas as chances de o seu rapazinho ser a Totalidade Bene Gesserit. Não tenha muitas esperanças.

Jéssica chacoalhou a cabeça para se livrar das lágrimas nos cantos dos olhos. Foi um gesto de raiva.

– Você me faz sentir uma menina novamente: recitando minha primeira lição. – Ela obrigou as palavras a saírem: – “Os seres humanos nunca devem se submeter aos animais.” – Um soluço seco a fez estremecer. Em voz baixa, ela disse: – Ando tão sozinha.

– É para ser um dos testes – a velha disse. – Os seres humanos estão quase sempre sozinhos. Agora, chame o menino. O dia foi longo e assustador para ele. Mas ele teve tempo para pensar e relembrar, e tenho de fazer as outras perguntas sobre os sonhos que ele vem tendo.

Jéssica assentiu com a cabeça, foi até a porta da Câmara de Meditação, abriu-a.

– Paul, entre, por favor.

Paul apareceu com uma lentidão obstinada. Fitou a mãe como a uma estranha. A desconfiança velava-lhe os olhos quando ele encarou a Reverenda Madre, mas dessa vez ele a saudou com um aceno de

cabeça, o cumprimento que se oferecia a um igual. Ele ouviu sua mãe fechar a porta atrás dele.

– Meu jovem – a velha disse –, vamos voltar à questão dos sonhos.

– O que você quer?

– Você sonha todas as noites?

– Nada que valha a pena lembrar. Sou capaz de me lembrar de todos os sonhos, mas alguns valem a pena; outros, não.

– Como sabe a diferença?

– Simplesmente sei.

A velha olhou para Jéssica, depois para Paul.

– Com o que sonhou ontem à noite? Algo que valesse a pena lembrar?

– Sim – Paul fechou os olhos. – Sonhei com uma caverna... e água... e havia uma moça lá, muito magra e de olhos grandes. Seus olhos eram completamente azuis, sem o branco. Eu conversei com ela, falo sobre você, sobre ter visto a Reverenda Madre em Caladan. – Paul abriu os olhos.

– E o que você contou a essa moça estranha, sobre ter me visto, isso aconteceu hoje?

Paul pensou nisso, e então:

– Sim. Eu conto à moça que você veio e me marcou com um sinal de estranheza.

– Sinal de estranheza – a velha murmurou, lançou mais um olhar para Jéssica, então voltou sua atenção para Paul. – Diga-me sinceramente, Paul, você costuma sonhar com coisas que depois acontecem exatamente como você sonhou?

– Sim. E já sonhei com essa moça antes.

– É? Você a conhece?

– Eu ainda irei conhecê-la.

– Fale-me sobre ela.

Mais uma vez, Paul fechou os olhos.

– Estamos num lugarejo abrigado nas rochas. É quase noite, mas está quente, e dá para ver trechos de areia por uma abertura nas pedras. Estamos... esperando alguma coisa... que eu vá encontrar umas pessoas. E ela está assustada, mas tenta esconder isso de mim, e eu estou empolgado. E ela diz: “Fale-me sobre as águas de seu planeta

natal, Usul”. – Paul abriu os olhos. – Não é estranho? Meu planeta natal é Caladan. Nunca ouvi falar de um planeta chamado Usul.

– Esse sonho continua? – Jéssica deu a deixa.

– Sim. Mas talvez ela estivesse chamando *a mim* de Usul – Paul disse. – Acabei de pensar nisso. – De novo, ele fechou os olhos. – Ela me pede para falar das águas. E eu seguro sua mão. E digo que vou declamar um poema. E o declamo, mas tenho de explicar algumas palavras, como praia, arrebentação, algas e gaivotas.

– Qual poema? – perguntou a Reverenda Madre.

Paul abriu os olhos.

– É só um dos poemas sinfônicos de Gurney Halleck para momentos tristes.

Atrás de Paul, Jéssica começou a recitar:

“Lembro-me da fumaça salgada de uma fogueira na praia
E sombras sob os pinheiros –
Concretas, perfeitas... estáticas –
As gaivotas pousadas no cimo da terra
Branco sobre verde...
E chega o vento, através dos pinheiros,
Para agitar as sombras;
As gaivotas abrem as asas,
Alçam voo
E enchem o céu de gritos agudos.
E ouço o vento
Soprar por nossa praia,
E a arrebentação,
E vejo que nossa fogueira
Chamuscou as algas.”

– É esse mesmo – Paul disse.

A velha fitou Paul, e então:

– Meu jovem, como censora das Bene Gesserit, procuro o Kwisatz Haderach, o homem realmente capaz de se tornar uma de nós. Sua mãe vê em você essa possibilidade, mas ela vê com olhos de mãe. Também vejo possibilidade, não mais que isso.

Ela fez silêncio, e Paul viu que a velha queria que ele falasse. Ele a fez esperar.

Sem demora, ela disse:

– Como quiser, então. Seu íntimo é profundo, admito.

– Posso ir agora? – ele perguntou.

– Você não quer ouvir o que a Reverenda Madre tem a lhe contar sobre o Kwisatz Haderach? – Jéssica perguntou.

– Ela disse que aqueles que tentaram morreram.

– Mas posso ajudar você, dar-lhe algumas dicas de por que eles fracassaram – disse a Reverenda Madre.

Ela fala de dicas, Paul pensou. Ela não sabe nada na verdade. E ele disse:

– Dê-me as dicas, então.

– E aí posso ir para o inferno? – ela sorriu, irônica, um ziguezague de rugas na face idosa. – Muito bem: “Aquilo que se submete prevalece”.

Ele se espantou: ela falava de coisas tão elementares quanto a tensão intrínseca ao significado. Será que pensava que a mãe dele não lhe tinha ensinado nada?

– Isso é uma dica? – ele perguntou.

– Não estamos aqui para trocar palavras nem para tergiversar sobre seus significados – a velha disse. – O salgueiro se submete ao vento e prospera, até o dia em que serão muitos salgueiros: uma barreira contra o vento. Esse é o propósito do salgueiro.

Paul a encarou. Ela dissera *propósito*, e ele sentiu a palavra esbofeteá-lo, reinfectando-o com um propósito terrível. Sentiu uma raiva repentina da mulher: a bruxa velha e fátua, com a boca cheia de chavões.

– Você acha que eu poderia ser esse Kwisatz Haderach – ele disse.

– Você fala de mim, mas não disse nada sobre o que podemos fazer para ajudar meu pai. Eu a ouvi conversando com minha mãe. Você fala como se meu pai estivesse morto. Bem, ele não está!

– Se houvesse o que fazer por ele, já teríamos feito – a velha resmungou. – Talvez consigamos salvar você. É duvidoso, mas possível. Mas, por seu pai, nada. Quando aprender a aceitar isso como fato, terá aprendido uma *verdadeira* lição Bene Gesserit.

Paul notou como as palavras abalaram sua mãe. Ele olhou ferozmente para a velha. Como ela podia dizer uma coisa daquelas sobre seu pai? O que lhe dava tanta certeza? Sua mente fervilhava de ressentimento.

A Reverenda Madre olhou para Jéssica.

– Você andou lhe ensinando a Doutrina: vi os sinais. Eu teria feito a mesma coisa em seu lugar, e que se danem as Regras.

Jéssica fez que sim.

– Agora, eu a aconselho – disse a velha – a ignorar a ordem regular do treinamento. A segurança dele exige a Voz. Ele já está bem avançado, mas nós duas sabemos de quanto mais ele ainda precisa... e desesperadamente. – Ela se aproximou de Paul, encarou-o de cima para baixo. – Adeus, jovem humano. Espero que sobreviva. Mas, se não sobreviver... bem, nós ainda teremos êxito.

Mais uma vez, ela olhou para Jéssica. As duas trocaram um sinal fugaz de compreensão. Depois a velha precipitou-se para fora da sala, ao som rumorejante de suas roupas, sem olhar para trás nem uma vez. A sala e seus ocupantes já tinham sido excluídos dos pensamentos dela.

Mas Jéssica tinha vislumbrado o rosto da Reverenda Madre quando ela se virou. Havia lágrimas nas faces marcadas por rugas. As lágrimas foram mais desalentadoras que qualquer palavra ou sinal que as duas tivessem trocado naquele dia.

Você leu que Muad'Dib não tinha ninguém da mesma idade para brincar com ele em Caladan. Os perigos eram imensos. Mas Muad'Dib teve de fato maravilhosos instrutores-companheiros. Havia Gurney Halleck, o guerreiro-trovador. Você irá cantar algumas canções de Gurney ao ler este livro. Havia Thufir Hawat, o velho Mentat e Mestre dos Assassinos, que infundia o medo até mesmo no coração do imperador padixá. Havia Duncan Idaho, o Mestre-Espadachim dos Ginaz; dr. Wellington Yueh, um nome de negra traição, mas de conhecimento luminoso; lady Jéssica, que orientou o filho na Doutrina Bene Gesserit; e, naturalmente, o duque Leto, cujas qualidades como pai há tempos são menosprezadas.

- excerto de "A história de Muad'Dib para crianças", da princesa Irulan

Thufir Hawat entrou de mansinho na sala de treinamento do Castelo Caladan, fechou a porta suavemente. Ficou parado ali um momento, sentindo-se velho, cansado e surrado pelas intempéries. Sua perna esquerda doía no ponto em que o haviam ferido uma vez, a serviço do Velho Duque.

Três gerações deles agora, pensou.

Olhou para o outro lado do recinto iluminado pela luz do meio-dia que, aos borbotões, atravessava as claraboias, e viu o menino sentado de costas para a porta, absorto em documentos e mapas espalhados sobre uma mesa em L.

Quantas vezes terei de dizer ao garoto para não se sentar de costas para a porta? Hawat limpou a garganta.

Paul continuou debruçado sobre os estudos.

A sombra de uma nuvem passou sobre as claraboias. Mais uma vez, Hawat limpou a garganta.

Paul se endireitou e falou, sem se virar:

– Eu sei. Estou sentado de costas para a porta.

Hawat reprimiu um sorriso e atravessou a sala com passadas largas.

Paul ergueu os olhos para o velho de cabelos brancos que se deteve a um dos cantos da mesa. Os olhos de Hawat eram dois poços de prontidão num rosto escuro e profundamente vincado de rugas.

– Ouvi você chegar pelo corredor – disse Paul. – E ouvi você abrir a porta.

– Os sons que produzo podem ser imitados.

– Eu saberia a diferença.

É bem possível, Hawat pensou. A mãe-bruxa certamente está ampliando o treinamento dele. Gostaria de saber o que sua preciosa escola acha disso. Talvez por isto tenham mandado a velha censora: para colocar nossa querida lady Jéssica na linha.

Hawat colocou uma cadeira diante de Paul e sentou-se de frente para a porta. E o fez incisivamente, recostou-se e examinou a sala. De repente, pareceu-lhe um lugar estranho, um lugar-estrangeiro, agora que a maior parte do equipamento tinha sido levada para Arrakis. Restavam uma mesa de treinamento e um espelho de esgrima, com seus prismas de cristal inativos, e o estafermo ao lado dele, todo acolchoado, lembrando um antigo soldado de infantaria estropiado e maltratado nas guerras.

Ali estou eu, pensou Hawat.

– Thufir, no que está pensando? – Paul perguntou.

Hawat olhou para o menino.

– Estava pensando que logo sairemos todos daqui e que provavelmente nunca mais veremos este lugar.

– Isso o deixa triste?

– Triste? Bobagem! Separar-se dos amigos é uma tristeza. Um lugar é só um lugar. – Olhou para os mapas sobre a mesa. – E Arrakis é só mais um lugar.

– Foi meu pai quem mandou você aqui para me pôr à prova?

Hawat franziu o cenho: o menino era tão observador. Ele assentiu.

– Está pensando que teria sido melhor se ele tivesse vindo pessoalmente, mas você sabe como ele anda ocupado. Ele virá mais tarde.

– Andei estudando as tempestades de Arrakis.

– As tempestades. Sei.

– Parecem bem feias.

– *Feias é pouco.* Essas tempestades se formam numa extensão de seis ou sete mil quilômetros de planícies, alimentam-se de tudo o que possa lhes dar um empurrão: força de Coriolis, outras tempestades, qualquer coisa que tenha um tiquinho de energia. Os ventos podem chegar a setecentos quilômetros por hora e carregam tudo o que estiver solto por onde passam: areia, pó, tudo. São capazes de arrancar a carne dos ossos e reduzir os ossos a lascas.

– Por que eles não têm controle meteorológico?

– Arrakis tem problemas especiais, os custos são maiores e ainda é preciso contar a manutenção e outras coisas do gênero. A Guilda cobra um preço terrível pelo monitoramento por satélite, e a Casa de seu pai não é uma das mais ricas, garoto. Você sabe.

– Você já viu os fremen?

A mente do garoto está atirando para todo lado hoje, Hawat pensou.

– Provavelmente, sim – ele respondeu. – Pouco diferem da gente, dos graben e das pias. Todos usam aqueles mantos volumosos e esvoaçantes. E, em espaços fechados, fedem que é um horror. São aquelas roupas que vestem, chamadas “trajestiladores”, e que reaproveitam a água do próprio corpo.

Paul engoliu saliva, subitamente ciente da umidade em sua boca, recordando ter passado sede num sonho. Que as pessoas precisassem tanto assim de água a ponto de reciclar a umidade do próprio corpo foi algo que o atingiu com um sentimento de desolação.

– A água lá é preciosa – ele disse.

Hawat concordou, pensando: *Talvez eu esteja fazendo isto, transmitindo a ele a importância daquele planeta como inimigo. É loucura ir para lá sem essa advertência em nossa mente.*

Paul ergueu os olhos para a claraboia, ciente de que havia começado a chover. Ele viu a umidade se espalhar no metavidro cinzento.

– Água – ele disse.

– Você descobrirá uma grande preocupação com a água – Hawat disse. – Por ser filho do duque, nunca a terá em falta, mas verá a seu redor a pressão que a sede exerce.

Paul molhou os lábios com a língua, rememorando aquele dia, uma semana antes, e o ordálio com a Reverenda Madre. Ela também havia dito alguma coisa sobre privação de água.

– Você conhecerá as planícies fúnebres – ela dissera –, os ermos desabitados, o deserto onde nada vive, exceto a especiaria e os vermes da areia. Vai pintar as pálpebras para reduzir o fulgor do sol. Por abrigo passará a entender um buraco protegido do vento e longe da vista. Vai viajar a pé, sem tóptero, nem carro terrestre, nem montaria.

E Paul se vira cativado mais pelo tom da voz dela – monótona e vacilante – do que por suas palavras.

– Quando você for viver em Arrakis – ela dissera –, khala, a terra será um vazio. As luas serão suas amigas; o sol, seu inimigo.

Paul percebeu a aproximação de sua mãe, que tinha deixado seu posto de vigia junto à porta. Ela olhou para a Reverenda Madre e perguntou:

– Não vê nenhuma esperança, Vossa Reverência?

– Não para o pai – e a velha acenou para que Jéssica fizesse silêncio, depois baixou o olhar até Paul. – Grave isto na memória, rapaz: um mundo é sustentado por quatro coisas... – ela ergueu quatro dedos nodosos – ... o conhecimento dos sábios, a justiça dos poderosos, as preces dos justos e a coragem dos bravos. Mas tudo isso de nada vale... – ela cerrou o punho – ... sem um governante que conheça a arte de governar. Faça *disso* a ciência de sua tradição!

Uma semana tinha se passado desde aquele dia com a Reverenda Madre. Só agora ele começava a registrar integralmente suas palavras. Sentado na sala de treinamento com Thufir Hawat, Paul sentiu uma pontada aguda de medo. Olhou para a carranca confusa do Mentat diante dele.

– O que foi que o distraiu agora? – Hawat perguntou.

– Você conhece a Reverenda Madre?

– A bruxa Proclamadora da Verdade do Imperium? – Os olhos de Hawat se animaram, interessados. – Eu a conheço.

– Ela... – Paul hesitou; descobriu que não conseguiria contar a Hawat sobre o ordálio. As inibições eram profundas.

– Sim? O que tem ela?

Paul inspirou fundo duas vezes.

– Ela disse uma coisa. – Fechou os olhos, recordando as palavras, e, quando falou, sua voz assumiu inconscientemente um pouco do tom da velha: – “Você, Paul Atreides, descendente de reis, filho de um duque, você tem de aprender a governar. Algo que nenhum de seus ancestrais aprendeu”. – Paul abriu os olhos e disse: – Isso me enfureceu, e eu disse que meu pai governava um planeta inteiro. E ela disse: “Ele o está perdendo”. E eu disse que meu pai tinha ganho um planeta ainda mais rico. E ela disse: “Ele o perderá também”. E eu quis correr e alertar meu pai, mas ela disse que ele já tinha sido alertado... por você, por minha mãe, por muitas pessoas.

– É bem verdade – Hawat murmurou.

– Então, por que estamos de partida? – indagou Paul.

– Porque o imperador assim ordenou. E porque há esperança, apesar do que disse aquela espiã-bruxa. Que mais brotou dessa antiga fonte de sabedoria?

Paul olhou para sua mão direita, apertada num punho fechado debaixo da mesa. Lentamente, ele forçou os músculos a relaxar. *Ela me impôs alguma restrição, pensou. Como?*

– Ela pediu que eu lhe dissesse o que era governar – Paul disse. – E eu disse que era dar ordens. E ela disse que eu tinha que desaprender algumas coisas.

Nisso ela foi certa, não há dúvida, Hawat pensou. Ele fez um gesto com a cabeça, para que Paul continuasse.

– Ela disse que um governante precisa aprender a persuadir, e não a obrigar. Disse que ele tem de servir o melhor café para atrair os melhores homens.

– Como ela acha que seu pai atraiu homens como Duncan e Gurney? – Hawat perguntou.

Paul deu de ombros.

– Aí ela disse que o bom governante tem de aprender a língua de seu mundo, que é diferente para cada planeta. E eu achei que ela queria dizer que não se falava galach em Arrakis, mas ela disse que não

era nada disso. Disse que estava falando da língua das pedras e das coisas vivas, a língua que não se escuta apenas com os ouvidos. E eu disse que era isso que o dr. Yueh chamava de Mistério da Vida.

Hawat deu uma risadinha.

– Qual foi a reação dela?

– Acho que ficou irritada. Disse que o mistério da vida não era um problema a ser resolvido, e sim uma realidade a ser vivida. Daí citei a Primeira Lei dos Mentats: “Não se pode entender um processo interrompendo-o. O entendimento precisa acompanhar o fluxo do processo, tem de se juntar a ele e fluir com ele”. Isso parece tê-la deixado satisfeita.

Ele parece já estar superando, Hawat pensou, mas aquela bruxa velha o assustou. Por que ela fez isso?

– Thufir – Paul disse –, será Arrakis tão ruim quanto dizem?

– Nada pode ser tão ruim – Hawat respondeu, forçando um sorriso. – Veja os fremen, por exemplo, o povo renegado do deserto. Numa aproximação de primeira ordem, digo-lhe que há muitos, muitos mais deles do que o Imperium desconfia. As pessoas vivem lá, rapaz: um grande número de pessoas, e... – Hawat levou um dedo magro e forte a um dos olhos. – ... elas odeiam os Harkonnen com um fervor sanguinário. Não deixe escapar nem uma palavra sobre esse assunto, rapaz. Só estou lhe contando isso porque sou assistente de seu pai.

– Meu pai me falou de Salusa Secundus – Paul comentou. – Sabe, Thufir, pelo que ouvi, é muito parecido com Arrakis... talvez não tão ruim, mas bem parecido.

– Não sabemos de fato como está Salusa Secundus hoje em dia – Hawat disse. – Só como era tempos atrás... em grande parte. Mas, pelo que se sabe... você tem razão.

– Os fremen irão nos ajudar?

– É uma possibilidade – Hawat se levantou. – Parto hoje para Arrakis. Por enquanto, trate de cuidar bem de si mesmo para este velho que tem tanta afeição por você, hein? Dê a volta, como o bom garoto que é, e sente-se de frente para a porta. Não que eu acredite haver algum perigo no castelo: é só um hábito que quero ver você desenvolver.

Paul ficou de pé, contornou a mesa.

– Você vai hoje?

– Hoje, e você seguirá amanhã. A próxima vez que nos encontrarmos será sobre o solo de seu novo mundo. – Ele agarrou o braço de Paul pelo bíceps. – Mantenha o braço do punhal sempre livre, hein? E seu escudo com a carga completa. – Ele soltou o braço, bateu de leve no ombro de Paul, deu meia-volta e caminhou rapidamente até a porta.

– Thufir! – Paul chamou.

Hawat se virou, ocupando a porta aberta.

– Não se sente de costas para nenhuma porta – Paul disse.

Um sorriso se espalhou pelo rosto velho e enrugado.

– Nunca, rapaz. Pode contar com isso. – E ele saiu, fechando suavemente a porta.

Paul sentou-se onde Hawat estivera, pôs os documentos em ordem. *Mais um dia aqui*, ele pensou. Deu uma olhada ao redor da sala. *Estamos de partida*. A ideia de partir, de repente, era mais real para ele do que fora até então. Lembrou-se de outra coisa que a velha havia dito sobre um mundo ser a soma de muitas coisas – o povo, a terra, as coisas vivas, as luas, as marés, os sóis –, a somatória desconhecida chamada *natureza*, uma totalidade vaga, sem a menor noção do *agora*. E ele se perguntou: *O que é o agora?*

A porta em frente a Paul abriu-se com estrondo, e um homem feio e gordo a atravessou aos trancos, precedido por um punhado de armas.

– Ora, Gurney Halleck – Paul chamou –, você é o novo Mestre de Armas?

Halleck fechou a porta com um golpe de calcanhar.

– Você preferia que eu estivesse aqui para brincar, eu sei – ele disse. Deu uma olhada na sala, notando que os homens de Hawat já a tinham esquadrihado, verificando tudo, tornando-a segura para o herdeiro de um duque. Os discretos sinais combinados estavam em toda parte.

Paul observou o homem feio e cambaleante colocar-se novamente em movimento e virar na direção da mesa de treinamento, com uma braçada de armas; viu o baliset de nove cordas pendurado no ombro de Gurney, com a multipalhetas entretecida nas cordas, perto da ponta do braço do instrumento.

Halleck largou as armas sobre a mesa de exercícios e as enfileirou: as rapieiras, os punhais, os kindjais, os atordoadores de carga lenta e os cinturões-escudos. A cicatriz de cipó-tinta em sua mandíbula se contorceu quando ele se virou, lançando um sorriso para o outro lado da sala.

– Nem me diz um bom-dia, seu diabinho – Halleck disse. – E que bicho você mandou morder o velho Hawat? Ele passou por mim, no corredor, como se fosse ao funeral do inimigo.

Paul sorriu. De todos os homens de seu pai, era de Gurney Halleck que ele mais gostava; conhecia a rabugice e a malícia do homem, seus *humores*, e pensava nele mais como amigo do que como mercenário.

Halleck tirou o baliset do ombro e começou a afiná-lo.

– Se não quer falar, não fale – ele disse.

Paul se levantou e atravessou a sala, dizendo em voz alta:

– Ora, Gurney, você vem preparado para a música quando é hora de lutar?

– Então hoje, para os mais velhos, nada de papas na língua? – Halleck disse. Ele experimentou uma das cordas do instrumento, aprovou com a cabeça.

– Onde está Duncan Idaho? – Paul perguntou. – Ele não deveria estar me ensinando o uso das armas?

– Duncan foi conduzir a segunda leva a Arrakis – Halleck disse. – Só restou a você o pobre Gurney, que saiu há pouco de uma peleja e está louco por música. – Ele tocou outra corda, escutou-a, sorriu. – E foi decidido em conselho que, sendo você um combatente tão medíocre, era melhor lhe ensinar o ofício da música, para que não desperdiçasse totalmente sua vida.

– Talvez seja melhor me cantar uma balada, então – Paul disse. – Quero me certificar de como *não* fazer isso.

– Aaah, rá! – Gurney riu. Começou a tocar “Garotas galacianas”, e sua multipalheta era um borrão sobre as cordas enquanto ele cantava:

“Oooh, as garotas galacianas
Fazem amor por obsidianas,
Por um gole d’água, as arrakinas!
Mas se deseja as damas

Vorazes como chamas,
Tem de provar as caladaninas!”

– Nada mau para quem não sabe usar a palheta – Paul disse –, mas, se o ouvisse cantar uma canção indecente como essa dentro do castelo, minha mãe decoraria a muralha externa com suas orelhas.

Gurney puxou a orelha esquerda.

– E não seriam a melhor decoração, tão machucadas já foram pelos buracos das fechaduras, de tanto ouvir um certo jovenzinho que conheço praticar umas modinhas estranhas em seu baliset.

– Quer dizer que já esqueceu como é ter areia em sua cama? – Paul disse. Ele puxou um dos cinturões-escudos de cima da mesa e o prendeu bem firme na cintura. – Então vamos lutar!

Os olhos de Halleck se arregalaram de fingida surpresa.

– Ora, vejam! Foi sua mão perversa a autora do feito! Fique em guarda, hoje, jovem mestre, fique em guarda. – Ele apanhou uma rapieira, fustigou o ar com ela. – Sou um demônio em busca de vingança!

Paul ergueu a outra rapieira do par, vergou-a com as mãos, assumiu a posição *aguile*, com um dos pés à frente. Fez-se solene, numa imitação cômica do dr. Yueh.

– Que bobalhão meu pai mandou para me ensinar a lutar – Paul cantarolou. – Este abobalhado Gurney Halleck esqueceu a primeira lição de um homem de armas munido de espada e escudo. – Paul apertou o botão do cinturão; sentiu em sua testa, e depois descendo-lhe pelas costas, o formigamento provocado pelo campo defensivo; ouviu os sons externos, filtrados pelo escudo, assumirem sua característica monotonia. – No combate com escudos, é preciso ser rápido na defesa, lento no ataque – Paul disse. – A única finalidade do ataque é fazer o oponente dar um passo em falso e abrir a guarda para o golpe com a sinistra. O escudo rechaça o golpe rápido, mas aceita o *kindjal* lento! – Paul ergueu a rapieira com um movimento do pulso, fez uma finta rápida e voltou para desferir uma estocada lenta, calculada para penetrar as defesas de um escudo.

Halleck assistiu à ação, virou-se no último instante para deixar a lâmina embotada roçar seu peito.

– Velocidade, excelente – disse. – Mas você se abriu para um contra vindo de baixo com um aço-liso.

Paul recuou, envergonhado.

– Eu devia sorrir seu traseiro por esse descuido – Halleck disse. Ele apanhou um kindjal desembainhado de cima da mesa e o ergueu. – Isto, na mão de um inimigo, pode tirar seu sangue! Você é um aluno capaz, só isso, mas eu já o avisei que nem mesmo de brincadeira deve deixar um homem penetrar sua guarda com a morte numa das mãos.

– Acho que é porque hoje não estou com vontade – Paul disse.

– Vontade? – a voz de Halleck denunciou seu ultraje mesmo através do filtro do escudo. – O que a *vontade* tem a ver com isso? Você luta quando surge a necessidade, não importa se está ou não com vontade! As vontades são para o gado, ou para fazer amor, ou tocar o baliset. Não para lutar.

– Sinto muito, Gurney.

– Ainda é pouco!

Halleck ativou o próprio escudo e dobrou os joelhos, com o kindjal estendido na mão esquerda, a rapieira na direita, em guarda alta.

– Agora pode ficar em guarda para valer! – Ele saltou alto para um lado, depois para a frente, atacando com vigor e fúria.

Paul recuou, defendendo-se. Sentiu o campo crepitar quando as margens dos escudos se tocaram e repeliram uma à outra, percebeu na pele o formigamento elétrico do contato. *O que deu em Gurney?*, ele se perguntou. *Não está fingindo!* Paul moveu a mão esquerda, fazendo deslizar para sua palma o punhal que trazia numa bainha junto ao pulso.

– Viu que precisa de mais uma arma, hein? – Halleck grunhiu.

Será traição?, Paul imaginou. *Não, não o Gurney!*

Por toda a sala, eles lutaram: estocada e parada, finta e contrafinta. O ar dentro das bolhas formadas pelos escudos, de tão exigido, ficou viciado, pois a lenta troca gasosa que se dava nas bordas das barreiras não o conseguia repor. A cada novo contato dos escudos, o cheiro de ozônio ficava mais forte.

Paul continuou a recuar, mas agora dirigia-se para a mesa de exercícios. *Se conseguir contorná-lo perto da mesa, irei lhe mostrar um*

truque, pensou Paul. *Só mais um passo, Gurney.*

Halleck deu o passo.

Paul aparou um golpe de cima para baixo, fez a volta, viu a rapieira de Halleck se prender na beirada da mesa. Paul se jogou para o lado, desferiu uma estocada alta com a rapieira e, com o punhal, entrou por sobre a gola de Halleck. Deteve a lâmina a poucos centímetros da jugular.

– É isso o que procura? – sussurrou Paul.

– Olhe para baixo, rapaz – Gurney disse, ofegante.

Paul obedeceu, viu o kindjal de Halleck estendido sob a beirada da mesa, e a ponta quase tocava sua virilha.

– Teríamos nos unido na morte – Halleck disse. – Mas vou admitir que você lutou um pouco melhor quando pressionado. Pareceu estar *com vontade*. – Ele abriu um sorriso feroz e a cicatriz de cipó-tinta ondulou em sua mandíbula.

– A maneira como veio para cima de mim – Paul disse. – Você teria realmente derramado meu sangue?

Halleck recolheu o kindjal, empertigou-se.

– Se você tivesse lutado um tiquinho que fosse aquém do que é capaz, eu teria lhe feito um belo arranhão, uma cicatriz a ser lembrada. Não quero que meu aluno preferido tombe diante do primeiro vagabundo Harkonnen que aparecer.

Paul desativou seu escudo; apoiou-se na mesa para recuperar o fôlego.

– Eu teria merecido essa, Gurney. Mas meu pai ficaria zangado se você me machucasse. Não quero que você seja punido por minha deficiência.

– Quanto a isso – Halleck disse –, teria sido minha deficiência também. E você não precisa se preocupar com uma ou duas cicatrizes de treinamento. Você tem sorte por ter tão poucas. Quanto a seu pai: o duque só me castigaria se eu não conseguisse fazer de você um homem de armas de primeira categoria. E eu teria falhado nisso se não tivesse esclarecido essa falácia de *não estar com vontade* que você inventou de uma hora para outra.

Paul se endireitou, devolveu o punhal à bainha em seu pulso.

– O que fazemos aqui não é exatamente uma brincadeira – Halleck disse.

Paul concordou. Admirou-se com a seriedade atípica da conduta de Halleck, uma veemência que inspirava a sobriedade. Ele olhou para a cicatriz cor de beterraba do cipó-tinta na mandíbula do homem, lembrando-se da história de como tinha sido colocada ali pelo Bruto Rabban num fosso de escravos dos Harkonnen em Giedi Primo. E Paul sentiu uma súbita vergonha por ter duvidado de Halleck, mesmo que por um instante. Foi aí que ocorreu a Paul que a cicatriz de Halleck fora acompanhada por dor – uma dor tão intensa, talvez, quanto aquela infligida por uma Reverenda Madre. Ele afastou esse pensamento que enregelava seu mundo.

– Acho que eu esperava brincar um pouco hoje – Paul disse. – As coisas andam tão sérias por aqui ultimamente.

Halleck deu as costas a Paul para esconder suas emoções. Algo ardia em seus olhos. Havia nele uma dor, como se fosse uma bolha, tudo o que restava de um passado perdido que o Tempo havia lhe tirado com uma tesoura de poda.

Este menino terá de se tornar um homem tão cedo, Halleck pensou. Tão cedo terá de ler aquele formulário em sua mente, aquele contrato com sua advertência brutal, e preencher a lacuna necessária com os dados necessários: “Por favor, enumere os parentes mais próximos”.

Halleck falou, sem se virar:

– Percebi que você queria brincar, rapaz, e como eu queria me juntar a você. Mas isso não pode mais ser brincadeira. Amanhã vamos para Arrakis. Arrakis é real. Os Harkonnen são reais.

Paul tocou a testa com a lâmina ereta da rapieira.

Halleck se voltou, viu a saudação e devolveu o cumprimento com um aceno de cabeça. Com um gesto, apontou o estafermo.

– Agora vamos trabalhar sua sincronia. Quero ver você pegar aquela coisa com a sinistra. Vou controlá-la daqui, onde posso ter uma visão geral da ação. E já vou avisando que tentarei novos contras hoje. É um aviso que nenhum inimigo de verdade lhe dará.

Paul se espreguiçou, ficando nas pontas dos pés para aliviar os músculos. Sentiu-se solene ao perceber, de repente, que sua vida tinha sido tomada por mudanças rápidas. Foi até o estafermo, moveu a chave

no peito do boneco com a ponta de sua rapieira e sentiu o campo defensivo repelir sua espada.

– *En garde!* – Halleck gritou, e o boneco atacou com vigor.

Paul ativou seu escudo, defendendo-se com paradas e contras.

Halleck observava a cena e manipulava os controles. Sua mente parecia dividida: uma parte, atenta às necessidades do treino, e a outra, divagando, contrariada.

Sou a árvore frutífera bem dobrada, ele pensou. Cheio de emoções e habilidades bem dobradas, todas enxertadas em mim: todas frutificando para outra pessoa colher.

Por alguma razão, ele se lembrou da irmã caçula, de seu rosto de fada, tão nítido na mente dele. Mas ela havia morrido, numa casa de diversões para os soldados Harkonnen. Ela adorava amores-perfeitos... ou seriam margaridas? Ele não conseguia lembrar. Incomodava-o que não conseguisse lembrar.

Paul aparou um golpe lento do boneco, ergueu a mão esquerda em *entretisser*.

Diabinho esperto!, Halleck pensou, agora atento aos movimentos de permissão das mãos de Paul. *Ele anda praticando e estudando por conta própria. Não é o estilo de Duncan, e certamente não é nada que eu tenha lhe ensinado.*

Esse pensamento só fez aumentar a tristeza de Halleck. *Estou melancólico*, pensou. E começou a ficar curioso a respeito de Paul, a imaginar se o menino alguma vez tinha ouvido timidamente seu travesseiro palpitar à noite.

– Se os desejos fossem peixes, atiraríamos nossas redes ao mar – ele murmurou.

Era algo que sua mãe costumava dizer e que ele sempre repetia quando sentia se fechar sobre ele o negror do amanhã. Aí pensou que era um ditado estranho para levar a um planeta que nunca conhecera mares nem peixes.

Yueh (ju'i), Wellington ('welɪŋtən), 10.082 - 10.191 Pdr.; doutor em medicina pela Escola Suk (formado em 10.112 pdr.); casado com Wanna Marcus, B. G. (10.092 - 10.186? Pdr.); conhecido principalmente como o traidor do duque Leto Atreides. (Cf. Bibliografia, Apêndice VII (Condicionamento Imperial) e Traição, A.)

- excerto do "dicionário de Muad'Dib, da princesa Irulan

Apesar de ter ouvido o dr. Yueh entrar na sala de treinamento, notando a rígida deliberação dos passos do homem, Paul continuou esticado, de braços, sobre a mesa de exercícios, onde a massagista o havia deixado. Sentia-se deliciosamente relaxado depois do treino com Gurney Halleck.

- Você realmente parece confortável - disse Yueh, com sua voz calma e aguda.

Paul ergueu a cabeça; viu o palito de homem parado a vários passos de distância, assimilou de um relance as roupas pretas e amarfanhadas, a cabeça quadrada, os lábios roxos e o bigode pendente, a tatuagem em forma de diamante do Condicionamento Imperial em sua testa, os cabelos longos e negros presos no anel de prata da Escola Suk e jogados sobre o ombro esquerdo.

- Você ficará feliz em saber que não temos tempo para as aulas normais hoje - Yueh disse. - Seu pai logo virá.

Paul se sentou.

- Contudo, arranjei um leitor de bibliolivros e várias lições para você levar na travessia até Arrakis.

- Ah.

Paul começou a vestir suas roupas. Entusiasmou-se porque o pai viria. Tinham passado tão pouco tempo juntos desde a ordem do imperador para tomar o feudo de Arrakis.

Yueh foi até a mesa em L, pensando: *Como o garoto ganhou corpo nos últimos meses. Que desperdício! Ah, que triste desperdício.* E lembrou a si mesmo: *Não posso vacilar. Faço o que faço para ter certeza de que aqueles animais dos Harkonnen não irão mais fazer mal a Wanna.*

Paul juntou-se a ele à mesa, abotoando seu paletó.

– O que vou estudar na viagem?

– Aaaah, as formas de vida terráneas de Arrakis. O planeta parece ter recebido de braços abertos certas formas de vida da Terra. Não se sabe exatamente como. Quando chegarmos, terei de procurar o ecólogo planetário, um tal dr. Kynes, e oferecer minha ajuda nessa pesquisa.

E Yueh pensou: *O que estou dizendo? Sou hipócrita até comigo mesmo.*

– Alguma coisa sobre os fremen? – Paul perguntou.

– Os fremen? – Yueh tamborilou os dedos na mesa, flagrou Paul observando seu gesto nervoso e recolheu a mão.

– Talvez você tenha alguma coisa sobre toda a população arrakina – Paul disse.

– Sim, com certeza – Yueh disse. – São duas divisões genéricas da população: os fremen, eles são um grupo, e os outros são a gente do graben, da pia e da caldeira. Ocorre alguma miscigenação, segundo me disseram. As mulheres das vilas nas pias e caldeiras preferem maridos fremen; seus homens preferem esposas fremen. Eles têm um ditado: “O lustro vem das cidades; a sabedoria, do deserto”.

– Você tem imagens deles?

– Verei o que posso conseguir. A característica mais interessante, naturalmente, são os olhos: totalmente azuis, nada de branco.

– Mutação?

– Não. Está relacionado à saturação do sangue com mélange.

– Os fremen devem ser corajosos para viver na orla daquele deserto.

– É o que todos dizem – Yueh falou. – Eles compõem poemas para suas facas. Suas mulheres são tão ferozes quanto os homens. Até mesmo as crianças fremen são violentas e perigosas. Receio que não deixarão você se misturar com eles.

Paul encarou Yueh, encontrando naqueles poucos vislumbres dos fremen uma força verbal que prendeu toda a sua atenção. *Um povo e*

tanto para ter como aliado!

– E os vermes? – Paul perguntou.

– O quê?

– Eu gostaria de estudar um pouco mais os vermes da areia.

– Aaaah, mas é claro. Tenho um bibliofilme a respeito de um espécime pequeno, só cento e dez metros de comprimento e vinte e dois de diâmetro. Foi capturado nas latitudes setentrionais. Testemunhas confiáveis já registraram vermes de mais de quatrocentos metros de comprimento e há motivos para se acreditar que existam alguns ainda maiores.

Paul olhou para um mapa de projeção cônica das latitudes setentrionais de Arrakis que estava aberto sobre a mesa.

– O cinturão desértico e as regiões polares meridionais foram designados inabitáveis. São os vermes?

– E as tempestades.

– Mas é possível tornar qualquer lugar habitável.

– Se for economicamente viável – Yueh disse. – Arrakis tem muitos perigos de alto custo. – Ele alisou o bigode pendente. – Seu pai estará aqui em breve. Antes que eu vá, tenho um presente para você, algo que encontrei ao fazer as malas. – Colocou sobre a mesa, entre eles: negro, oblongo, não muito maior que a ponta do polegar de Paul.

Paul olhou para a coisa. Yueh notou que o rapaz não fez menção de apanhá-la e pensou: *Como é cauteloso.*

– É uma Bíblia Católica de Orange muito antiga, feita para os viajantes espaciais. Não é um bibliofilme, e sim uma impressão de verdade em papel filamental. Tem uma lupa e um sistema de carga eletrostática próprios. – Ele a tomou e demonstrou seu funcionamento. – O livro se mantém fechado devido à carga, que pressiona as capas com fechadura de mola. Você aperta a margem... assim... as páginas selecionadas se repelem e o livro se abre.

– É tão pequena.

– Mas tem oitocentas páginas. Você aperta a margem... assim... e então... a carga vai passando de uma página a outra enquanto você lê. Nunca toque as páginas propriamente ditas com os dedos. O papel filamental é muito delicado. – Ele fechou o livro, entregou-o a Paul. – Experimente.

Yueh observou Paul manejar o marcador de páginas e pensou: *Estou aliviando minha própria consciência. Dou-lhe o descanso da religião antes de traí-lo. Assim posso dizer a mim mesmo que ele foi aonde não posso ir.*

– Deve ter sido feita antes dos bibliofilmes – Paul disse.

– É bem antiga. Que seja nosso segredo, hein? Pode ser que seus pais julguem o presente valioso demais para alguém tão jovem.

E Yueh pensou: *A mãe dele certamente iria questionar minhas razões.*

– Bem... – Paul fechou o livro, segurou-o em sua mão. – Se é valiosa...

– Faça a vontade de um velho – Yueh disse. – Eu a ganhei quando era muito jovem. – E ele pensou: *Tenho de cativar sua mente, bem como sua cupidez.* – Abra-a em Kalima, capítulo quatro, versículo sessenta e sete, que diz: “Na água toda a vida começou”. Há um leve chanfro na borda da capa que marca o lugar.

Paul tateou a capa, detectou dois chanfros, um mais profundo que o outro. Pressionou o mais raso, o livro se abriu em sua mão e a lupa deslizou para o ponto certo.

– Leia em voz alta – Yueh disse.

Paul umedeceu os lábios com a língua e leu:

– “Pense no fato de que o surdo é incapaz de ouvir. Sendo assim, será que não sofremos todos de algum tipo de surdez? Que sentidos nos faltam para que não consigamos ver nem ouvir um outro mundo a nossa volta? O que há a nosso redor que não conseguimos...”

– Pare! – Yueh gritou.

Paul interrompeu a leitura e olhou para o médico.

Yueh fechou os olhos, esforçou-se para se recompor. *Que perversidade fez o livro se abrir na passagem preferida de minha Wanna? Ele abriu os olhos; viu Paul, que o encarava.*

– Algo errado? – Paul perguntou.

– Perdão – Yueh disse. – Era... a passagem preferida de... minha... falecida esposa. Não era essa que eu queria que você lesse. Ela traz à tona lembranças... dolorosas.

– São dois chanfros – Paul disse.

Claro, Yueh pensou. Wanna marcou seu trecho. Os dedos dele são mais sensíveis que os meus e encontraram a marca. Foi um acidente, só isso.

– Talvez você ache o livro interessante – Yueh disse. – Nele encontrará muitos fatos históricos e uma boa filosofia da ética.

Paul olhou para o livro diminuto sobre a palma de sua mão: uma coisinha tão pequena. No entanto, encerrava um mistério... algo que tinha acontecido quando ele começara a ler. Ele havia sentido algo despertar seu propósito terrível.

– Seu pai chegará a qualquer momento – Yueh disse. – Guarde o livro e leia-o quando for oportuno.

Paul tocou a margem, como Yueh tinha lhe mostrado. O livro se fechou. Ele o enfiou em sua túnica. Por um instante, quando Yueh havia gritado com ele, Paul temera que o homem quisesse o livro de volta.

– Agradeço o presente, dr. Yueh – Paul disse, falando formalmente. – Será nosso segredo. Se houver alguma dádiva que queira de mim, por favor, não hesite em pedir.

– Eu... não preciso de nada – Yueh disse.

E ele pensou: *Por que fico aqui me torturando? E torturando este pobre rapaz... embora ele não saiba. Ai! Malditos sejam aqueles animais dos Harkonnen! Por que me escolheram como instrumento de sua maldade?*

**Como começar a estudar o pai de Muad'Dib?
Um homem de simpatia inigualável e frieza
surpreendente era o duque Leto Atreides.
contudo, muitos fatos ajudam a desvendar esse
duque: o amor duradouro por sua mulher Bene
Gesserit; os sonhos que tinha para o filho; a
devoção com que os homens o serviam. é aí que
o vemos: um homem enredado pelo Destino, um
vulto solitário que teve sua luz obscurecida
pela glória do filho. ainda assim, há que se
perguntar: o que é o filho, se não uma extensão
do pai?**

**- excerto de "Muad'Dib: Memorial da Família", da princesa
Irulan**

Paul observou seu pai entrar na sala de treinamento, viu os guardas se posicionarem do lado de fora. Um deles fechou a porta. Como sempre, Paul sentiu a impressão de *presença* que seu pai deixava: alguém que estava totalmente *ali*.

O duque era alto e de tez olivácea. O rosto magro era anguloso, enternecido apenas pelos olhos profundamente cinzentos. Vestia um uniforme de serviço preto, com o timbre vermelho do gavião no peitilho. Um cinturão-escudo prateado, ostentando a pátina do uso, cingia-lhe a cintura fina.

O duque disse:

- Trabalhando duro, filho?

Ele foi até a mesa em L, deu uma olhada nos documentos sobre o tampo, percorreu a sala com o olhar e voltou-se para Paul. Sentia-se cansado, tomado pela dor de não demonstrar sua fadiga. *Tenho de aproveitar todas as oportunidades de descansar durante a travessia para Arrakis*, ele pensou. *Não haverá descanso em Arrakis*.

- Não muito - Paul disse. - Está tudo tão... - ele deu de ombros.

- É. Bem, partimos amanhã. Será tão bom nos instalarmos em nossa nova casa, deixar todo esse transtorno para trás.

Paul fez que sim, subitamente acabrunhado ao se lembrar das palavras da Reverenda Madre: “... por seu pai, nada”.

- Pai - Paul disse -, Arrakis será tão perigoso quanto dizem?

O duque obrigou-se a agir com despreocupação, sentou-se a um dos cantos da mesa, sorriu. Todo um plano de conversação surgiu em sua mente - o tipo de coisa que ele poderia usar para animar seus homens antes de uma batalha. O plano esmoreceu antes que pudesse ganhar voz, confrontado por um único pensamento:

Este é meu filho.

- Será perigoso - ele admitiu.

- Hawat me contou que temos planos para os fremen - Paul disse. E se perguntou: *Por que não conto a ele o que a velha disse? Como foi que ela lacrou minha boca?*

O duque notou a aflição do filho e disse:

- Como sempre, Hawat vê a principal possibilidade. Mas isso não é tudo. Eu também vejo o Consórcio Honnête Ober Advancer Mercantiles: a Companhia CHOAM. Ao me dar Arrakis, Sua Majestade será obrigada a nos dar um cargo na diretoria da CHOAM... uma vantagem sutil.

- A CHOAM controla a especiaria - Paul disse.

- E Arrakis, com sua especiaria, é nossa via de acesso à CHOAM - disse o duque. - A CHOAM não é só o mélange.

- A Reverenda Madre avisou você? - Paul falou abruptamente. Ele cerrou os punhos, sentindo as palmas escorregadias por causa do suor. *O esforço necessário para fazer aquela pergunta...*

- Hawat me contou que ela assustou você com alertas sobre Arrakis - o duque disse. - Não deixe os temores de uma mulher obscurecerem sua mente. Nenhuma mulher quer ver as pessoas que ama em perigo. Sua mãe está por trás desses alertas. Tome isso como um sinal do amor que ela tem por nós.

- Ela sabe sobre os fremen?

- Sim, e sobre muitas outras coisas.

- Quais?

E o duque pensou: *A verdade poderia ser pior do que ele imagina, mas até mesmo os fatos perigosos são valiosos quando se foi treinado para lidar com eles. E nisso meu filho não foi poupado em nada: no lidar com fatos perigosos. Mas é preciso estimulá-lo: ele é jovem.*

– Poucos produtos não passam pelas mãos da CHOAM – disse o duque. – Toras, jumentos, cavalos, vacas, tábuas, esterco, tubarões, pele de baleia: os mais prosaicos e os mais exóticos... até mesmo nosso humilde arroz-pundi caladanino. Qualquer coisa, a Guilda transporta: as formas de arte de Ecaz, as máquinas de Richese e IX. Mas tudo empalidece diante do *mélange*. Basta um punhado de especiaria para comprar uma casa em Tupile. Não se pode manufaturá-la, é preciso minerá-la em Arrakis. É única e tem propriedades geriátricas autênticas.

– E agora nós a controlamos?

– Até certo ponto. Mas o importante é considerar todas as Casas que dependem dos lucros da CHOAM. E pense na enorme proporção desses lucros que depende de um único produto: a especiaria. Imagine o que aconteceria se alguma coisa reduzisse a produção da especiaria.

– Quem quer que tivesse estocado o *mélange* enriqueceria da noite para o dia – Paul disse. – Os outros estariam ao deus-dará.

O duque se permitiu um momento de satisfação sinistra, olhando para o filho e pensando em como tinha sido perspicaz e realmente *fundamentada* aquela observação. Ele assentiu com a cabeça.

– Os Harkonnen andam estocando há mais de vinte anos.

– Eles querem ver a produção de especiaria cair e você levar a culpa.

– Eles querem que o nome Atreides se torne impopular – disse o duque. – Pense nas Casas do Landsraad que se voltam para mim como uma espécie de líder, seu porta-voz extraoficial. Imagine só como elas reagiriam se eu fosse responsável por uma séria redução em sua renda. Afinal de contas, os lucros vêm em primeiro lugar. Que se dane a Grande Convenção! Não vamos permitir que alguém nos empobreça! – Um sorriso cruel desfigurou a boca do duque. – Elas fariam vista grossa, não importa o *que* fizessem comigo.

– Mesmo se nos atacassem com armas atômicas?

- Nada tão flagrante. Nenhuma desobediência *ostensiva* da Convenção. Mas praticamente qualquer coisa fora isso... talvez até mesmo pulverização e envenenamento do solo.

- Então por que estamos nos metendo nisso?

- Paul! - o duque olhou feio para o filho. - Saber onde está a armadilha: esse é o primeiro passo para não cair nela. É como o combate singular, filho, só que numa escala maior: uma finta dentro de outra dentro de outra... aparentemente sem fim. A tarefa é desenredar isso. Sabendo que os Harkonnen estocam *mélange*, temos de fazer outra pergunta: quem mais anda estocando? Essa será a lista de nossos inimigos.

- Quem?

- Certas Casas que sabíamos ser *hostis* e algumas que pensávamos ser amigas. Precisamos pensar nelas por ora, porque nisso tudo há alguém muito mais importante: nosso amado imperador *padixá*.

Paul tentou engolir, com a garganta repentinamente seca.

- Você não poderia reunir o *Landsraad*, expor...

- E deixar nosso inimigo perceber que sabemos de quem é a mão que segura o punhal? E, agora, Paul, nós *vemos* o punhal. Quem sabe para onde o moveriam em seguida? Se apresentássemos isso ao *Landsraad*, só faríamos criar uma grande confusão. O imperador negaria seu envolvimento. Quem iria contradizê-lo? Só ganharíamos um pouco de tempo, mas nos arriscaríamos a mergulhar no caos. E de onde viria o ataque seguinte?

- Todas as Casas poderiam começar a estocar a especiaria.

- Nossos inimigos têm a dianteira: e a vantagem é muito grande.

- O imperador - Paul disse. - Ou seja, os *Sardaukar*.

- Disfarçados com uniformes *Harkonnen*, sem dúvida - disse o duque. - Mas os mesmos soldados fanáticos, sem tirar nem pôr.

- Como é que os *fremen* podem nos ajudar contra os *Sardaukar*?

- *Hawat* conversou com você sobre *Salusa Secundus*?

- O planeta-prisão do imperador? Não.

- E se fosse mais do que um planeta-prisão, Paul? Eis uma pergunta que ninguém faz sobre o Corpo Imperial dos *Sardaukar*: de onde eles vêm?

- Do planeta-prisão?

– Eles vêm de algum lugar.

– Mas os recrutamentos auxiliares convocados pelo imperador...

– É o que nos levaram a acreditar: são apenas os recrutas do imperador treinados desde muito jovens e de maneira soberba. Ouve-se uma ou outra coisa sobre as academias militares do imperador, mas o equilíbrio de nossa civilização continua o mesmo: as forças armadas das Casas Maiores do Landsraad de um lado, os Sardaukar e seus recrutas auxiliares de outro. E seus recrutas auxiliares, Paul. Os Sardaukar continuam sendo os Sardaukar.

– Mas todos os relatos sobre Salusa Secundus dizem que se trata de um planeta infernal!

– Indubitavelmente. Mas, se fosse criar homens resistentes, fortes e ferozes, que condições ambientais você imporá a eles?

– Como se obtém a lealdade de homens assim?

– Existem métodos comprovados: explore a certeza de sua superioridade, a mística do pacto secreto, o espírito do sofrimento compartilhado. É factível. Já foi feito em vários planetas e em várias épocas.

Paul assentiu com a cabeça, fixando sua atenção no rosto do pai. Pressentiu uma revelação iminente.

– Pense em Arrakis – disse o duque. – Fora das cidades e vilas fortificadas, é um lugar tão terrível quanto Salusa Secundus.

Paul arregalou os olhos.

– Os fremen!

– Temos ali, potencialmente, um exército tão forte e mortífero quanto os Sardaukar. Precisaremos de paciência para nos valermos deles em segredo e de dinheiro para equipá-los adequadamente. Mas os fremen estão lá... e o dinheiro da especiaria também. Agora você entende por que entraremos em Arrakis sabendo que é uma armadilha.

– Os Harkonnen não sabem sobre os fremen?

– Os Harkonnen desprezaram os fremen, caçaram-nos por prazer, nunca sequer se deram ao trabalho de recenseá-los. Conhecemos a política dos Harkonnen em relação às populações planetárias: gastar o mínimo possível para mantê-las.

Os fios metálicos do símbolo do gavião sobre o peito do duque brilharam quando ele mudou de posição.

– Entendeu?

– Estamos negociando com os fremen neste exato momento – Paul disse.

– Enviei uma missão liderada por Duncan Idaho – explicou o duque. – Duncan é um homem orgulhoso e implacável, mas amigo da verdade. Creio que os fremen irão admirá-lo. Se tivermos sorte, talvez eles nos julguem em função dele: Duncan, o honrado.

– Duncan, o honrado – Paul disse –, e Gurney, o corajoso.

– Disse bem – falou o duque.

E Paul pensou: *Gurney é um daqueles que a Reverenda Madre mencionou, um sustentador de mundos: “... a coragem dos bravos”.*

– Gurney me contou que você se saiu bem no combate armado hoje – o duque disse.

– Não foi o que ele me disse.

O duque gargalhou alto.

– Já imaginava que Gurney economizasse nos elogios. Ele disse que você tem uma boa ideia, nas palavras dele, da diferença entre o fio e a ponta de uma espada.

– Gurney diz que não há arte em matar com a ponta, que deve ser feito com o fio.

– Gurney é um romântico – o duque resmungou. Aquela conversa sobre matar, partindo de seu filho, de repente o transtornou. – Eu preferiria que você nunca tivesse de matar... mas, se a necessidade surgir, faça o que tiver de fazer, com a ponta ou com o fio. – Ele olhou para a claraboia, sobre a qual a chuva tamborilava.

Vendo para onde se dirigia o olhar do pai, Paul pensou nos céus chuvosos lá fora – uma coisa que, segundo todos diziam, nunca se veria em Arrakis –, e esse pensamento sobre os céus o levou ao espaço exterior.

– As naves da Guilda são muito grandes? – ele perguntou.

O duque olhou para ele.

– Esta será sua primeira vez fora do planeta – ele disse. – Sim, elas são grandes. Estaremos num pacote, pois a viagem é longa. O pacote é realmente grande. Em seu porão, todas as nossas fragatas e todos os nossos transportes ficarão aconchegados num cantinho: seremos apenas uma pequena parte do manifesto da nave.

- E não poderemos sair de nossas fragatas?

- Faz parte do preço que se paga pela Segurança da Guilda. Se houvesse naves Harkonnen ao lado das nossas, nada teríamos a temer. Os Harkonnen sabem que não vale a pena colocar em risco seus privilégios de embarque.

- Vou ficar de olho nos nossos monitores, para tentar ver um membro da Guilda.

- Não vai, não. Nem mesmo os agentes da Guilda podem ver um de seus membros. A Guilda é tão ciosa de sua privacidade quanto de seu monopólio. Não faça nada que coloque em risco nossos privilégios de embarque, Paul.

- Você acha que eles se escondem porque sofreram mutações e não parecem mais... *humanos*?

- Quem sabe? - o duque deu de ombros. - É um mistério que provavelmente nunca solucionaremos. Temos problemas mais imediatos, e um deles é você.

- Eu?

- Sua mãe queria que eu lhe contasse, filho. Veja bem, pode ser que você tenha os talentos de um Mentat.

Paul encarou o pai, incapaz de falar por um momento, e então:

- Um Mentat? Eu? Mas eu...

- Hawat concorda, filho. É verdade.

- Mas eu pensei que o treinamento de um Mentat tivesse de começar na infância e que o indivíduo não pudesse saber, porque isso poderia inibir o início do... - ele se calou quando todas as circunstâncias passadas se reuniram num único cálculo-relâmpago. - Entendi - ele disse.

- Chega um dia - disse o duque - em que o Mentat em potencial tem de saber o que está sendo feito. Talvez não seja mais feito *com* ele. O Mentat tem de participar da decisão de continuar ou abandonar o treinamento. Alguns conseguem continuar, outros são incapazes disso. Somente o Mentat em potencial sabe dizer com certeza o que será.

Paul esfregou o queixo. Todo o treinamento especial que ele recebera de Hawat e sua mãe - memorização, concentração da consciência, controle dos músculos e aguçamento dos sentidos, o

estudo das línguas e das nuances de voz –, tudo isso se encaixou numa nova espécie de compreensão em sua mente.

– Você será o duque um dia, filho – continuou o pai dele. – Um duque Mentat seria realmente formidável. Pode decidir agora... ou precisa de mais tempo?

Não houve a menor hesitação em sua resposta.

– Continuarei com o treinamento.

– Realmente formidável – o duque murmurou, e Paul viu um sorriso orgulhoso no rosto do pai. O sorriso abalou Paul: dava um ar de caveira ao rosto magro do duque. Paul fechou os olhos, sentindo o propósito terrível redespertar dentro dele. *Talvez ser um Mentat seja um propósito terrível*, ele pensou.

Mas, ao mesmo tempo que ele se concentrava nessa ideia, sua nova percepção a contestava.

Com lady Jéssica e Arrakis, o sistema Bene Gesserit de semear lendas-implantes por meio da Missionaria Protectora chegou a sua realização plena. Há tempos se reconhece a sensatez das Bene Gesserit em semear o universo conhecido com um padrão de profecias para a proteção de seu pessoal, mas nunca se viu uma condição *ut extremis* com um casamento tão perfeito de indivíduo e preparação. as lendas proféticas tornaram-se tão populares em Arrakis que até mesmo certos termos foram adotados (entre eles, Reverenda Madre, canto e respondu e boa parte da *panoplía propheticus* da shariá). E hoje é comum aceitar que as habilidades latentes de lady Jéssica foram grandemente subestimadas.

**- excerto de “Análise: a crise arrakina”, da princesa Irulan
[circulação reservada: número do arquivo B. G. AR-
81088587]**

Em toda a volta de lady Jéssica, nas pilhas que se erguiam nos cantos do Grande Átrio de Arrakina, nos montes que se formavam nos espaços abertos, estava embalada toda a vida deles: caixas de madeira e papelão, baús, valises, algumas parcialmente abertas e desfeitas. Ela ouviu os carregadores da nave auxiliar da Guilda depositarem mais uma leva na entrada.

Jéssica estava parada no centro do átrio. Ela girou lentamente, olhando para cima e para os lados, para os entalhes sombreados, as frestas e as janelas em seus nichos profundos. Aquela sala gigantesca e anacrônica a fazia lembrar do Salão das Irmãs de sua escola Bene Gesserit. Mas, na escola, o efeito tinha sido acolhedor. Ali, tudo era pedra fria.

Algum arquiteto tinha se inspirado na história remota para criar aquelas paredes apoiadas em arcobotantes e as tapeçarias escuras, ela

pensou. O teto abobadado erguia-se dois andares acima dela, com imensas vigas transversais que certamente tinham sido transportadas pelo espaço até Arrakis a um custo monstruoso. Nenhum planeta daquele sistema tinha árvores para fazer aquelas vigas, a menos que a madeira das vigas fosse artificial.

Ela achava que não.

Aquele havia sido o palácio do governo na época do Antigo Império. Os custos não tinham tanta importância então. Tinha sido antes dos Harkonnen e de sua nova megalópole em Cartago: um lugar ordinário e despudorado a uns duzentos quilômetros a nordeste, do outro lado da Terra Partida. Leto fizera bem ao escolher aquele lugar como a sede de seu governo. O nome, Arrakina, soava bem, repleto de tradição. E era uma cidade menor, mais fácil de esterilizar e defender.

Mais uma vez, ouviu-se o estrépito de caixas sendo descarregadas na entrada. Jéssica suspirou.

Apoiado numa caixa de papelão à direita de Jéssica estava um retrato pintado do pai do duque. O barbante do embrulho pendia do quadro como um enfeite rasgado. Um pedaço do barbante ainda estava na mão esquerda de Jéssica. Ao lado da pintura descansava a cabeça de um touro negro, engastada numa placa envernizada. A cabeça era uma ilha escura num mar de papel acolchoado. A placa estava estendida no chão, e o focinho brilhante do touro apontava o teto como se o animal estivesse prestes a urrar desafiadoramente naquela sala cheia de ecos.

Jéssica se perguntou o que a levara a desembulhar aquelas duas coisas primeiro: a cabeça e o quadro. Sabia que havia algo de simbólico no ato. Não se sentia tão assustada e insegura desde o dia em que os compradores do duque foram buscá-la na escola.

A cabeça e o retrato.

Eles acentuavam sua sensação de confusão. Ela estremeceu, olhou para as janelas estreitas lá no alto. Ainda era o início da tarde e, naquelas latitudes, o céu parecia negro e frio, muito mais escuro que o azul acolhedor de Caladan. Foi tomada por uma saudade dolorosa e latejante de casa.

Tão longe, Caladan.

– Chegamos!

Era a voz do duque Leto.

Ela girou nos calcanhares e o viu sair da passagem em arco que dava para o salão de jantar. Seu uniforme de serviço preto, com o timbre vermelho do gavião no peitilho, parecia amarrotado e coberto de pó.

– Pensei que você tivesse se perdido neste lugar horrível – ele disse.

– É uma casa fria – ela comentou. Observou a altura dele, a pele morena que a fazia pensar em bosques de oliveiras e num sol dourado sobre águas azuis. Havia fumaça no cinza de seus olhos, mas a face era a de um predador: magra, cheia de ângulos e planos agudos.

Um medo repentino do duque oprimiu o peito de Jéssica. Ele tinha se tornado uma pessoa bastante selvagem e obcecada desde que tomara a decisão de obedecer à ordem do imperador.

– A cidade inteira parece fria – ela disse.

– É uma cidadezinha fortificada, suja e poeirenta – ele concordou.
– Mas mudaremos isso. – Ele olhou ao redor do átrio. – Esta é a área pública, para as ocasiões de gala. Acabei de dar uma olhada em alguns dos aposentos íntimos na ala sul. São muito mais agradáveis. – Ele se aproximou, tocou o braço dela, admirando-lhe a imponência.

E, mais uma vez, ele ficou curioso quanto aos ancestrais desconhecidos da mulher: uma Casa desertora, talvez? Membros excluídos da realeza? Ela parecia mais régia que as filhas do próprio imperador.

Pressionada pelo olhar penetrante dele, Jéssica se virou um pouco, expondo seu perfil. E ele percebeu que não havia nada singular e preciso que distinguisse a beleza dela. O rosto era oval, sob uma touca de cabelos da cor do bronze polido. Os olhos espaçados eram verdes e límpidos como o céu matutino de Caladan. O nariz era pequeno; a boca, larga e generosa. Seu talhe era agradável, mas escasso: era alta, e a elegância roubara-lhe algumas curvas.

Ele se lembrou de que as irmãs leigas da escola a chamavam de magrela, pelo que lhe disseram seus compradores. Mas aquela descrição era excessivamente simplista. Ela devolvera uma beleza régia à estirpe dos Atreides. Ele estava feliz por Paul ter saído à mãe.

– Onde está Paul? – ele perguntou.

– Em algum lugar da casa, estudando com Yueh.

– Provavelmente na ala sul – ele disse. – Pensei ter ouvido a voz de Yueh, mas não tive tempo de dar uma olhada. – Olhou para ela, hesitante. – Vim aqui somente para pendurar a chave do Castelo Caladan no salão de jantar.

Ela prendeu a respiração, deteve o impulso de abraçá-lo. Pendurar a chave: havia finalidade naquele ato. Mas ali não era a hora nem o lugar para consolá-lo.

– Vi nosso estandarte em cima da casa quando entramos – ela disse.

Ele olhou para o quadro do pai.

– Onde é que você ia pendurar isso?

– Aqui, em algum lugar.

– Não – a palavra souou categórica e definitiva, fazendo-a saber que poderia convencê-lo com um truque, mas uma discussão franca seria inútil. Ainda assim, ela tinha de tentar, mesmo se o gesto só servisse para não a deixar esquecer que ela não o enganava.

– Milorde – ela disse –, se ao menos...

– A resposta ainda é não. Eu vergonhosamente faço sua vontade em muitas coisas, mas não nisto. Acabei de vir do salão de jantar e ali há...

– Milorde! Por favor.

– A escolha é sua digestão ou minha dignidade ancestral, minha cara – ele disse. – Serão pendurados na sala de jantar.

Ela suspirou.

– Sim, milorde.

– Você pode retomar seu hábito de fazer as refeições em seus aposentos sempre que possível. Espero vê-la em sua devida posição somente nas ocasiões formais.

– Obrigada, milorde.

– E nada de frieza e formalidades comigo! Agradeça-me por nunca ter me casado com você, minha cara. Senão seria sua *obrigação* juntar-se a mim à mesa em todas as refeições.

Ela manteve a face imóvel e assentiu.

– Hawat já instalou nosso próprio farejador de venenos no teto do salão de jantar – ele disse. – Há um modelo portátil em seu quarto.

– Você previu esta... discordância – ela disse.

– Minha cara, também penso em seu conforto. Contratei serviçais. São daqui, mas Hawat os aprovou: são todos fremen. Darão para o gasto até podermos liberar nosso pessoal de seus outros deveres.

– E será que alguém daqui está realmente seguro?

– Todos aqueles que odeiam os Harkonnen. Talvez você queira até ficar com a governanta: a shadout Mapes.

– Shadout – Jéssica disse. – Um título fremen?

– Disseram-me que quer dizer “aquela que retira a água do poço”, um significado com implicações muito importantes por aqui. Você talvez não a ache lá muito servil, apesar de Hawat falar muito bem dela, com base no relatório de Duncan. Estão convencidos de que ela deseja servir... mais especificamente, que ela deseja servir você.

– Eu?

– Os fremen ficaram sabendo que você é Bene Gesserit – ele disse.

– Existem lendas aqui sobre as Bene Gesserit.

A Missionaria Protectora, pensou Jéssica. *Nenhum lugar lhes escapa.*

– Quer dizer que Duncan teve êxito? – ela perguntou. – Os fremen serão nossos aliados?

– Não há nada definido ainda – ele respondeu. – Duncan crê que eles querem nos observar por algum tempo. Mas eles prometeram fazer uma trégua e parar de atacar nossas vilas mais afastadas. É uma vitória mais importante do que pode parecer. Hawat me contou que os fremen eram uma pedra bem grande no sapato dos Harkonnen, que a dimensão dos estragos causados por eles era um segredo guardado a sete chaves. Não ajudaria muito se o imperador soubesse que o exército Harkonnen é ineficaz.

– Uma governanta fremen – contemplou Jéssica, voltando ao assunto da shadout Mapes. – Ela deve ter os olhos totalmente azuis.

– Não deixe a aparência dessa gente enganar você – ele disse. – No fundo, são fortes e vigorosos. Acho que serão tudo de que precisamos.

– É uma jogada perigosa – ela disse.

– Não vamos recomeçar com isso – ele disse.

Ela se obrigou a sorrir.

– *Estamos empenhados, não há dúvida quanto a isso.* – Ela se submeteu ao rápido regime de tranquilização, as duas inspirações

profundas, o pensamento ritualizado, e então disse: – Quando eu distribuir os cômodos, devo reservar algo especial para você?

– Um dia desses você vai ter de me ensinar como faz isto – ele disse –, a maneira como você empurra as preocupações para um lado e volta sua atenção para questões práticas. Deve ser coisa das Bene Gesserit.

– É coisa de mulher – ela disse.

Ele sorriu.

– Muito bem, distribuição dos cômodos: certifique-se de que eu tenha um escritório grande perto do meu quarto de dormir. A papelada será maior aqui do que em Caladan. Uma sala de guarda, claro. Acho que é tudo. Não se preocupe com a segurança da casa. Os homens de Hawat foram minuciosos.

– Tenho certeza de que sim.

Ele deu uma olhadela no relógio de pulso.

– E cuide para que todos os nossos relógios sejam ajustados de acordo com o horário de Arrakina. Designei um técnico para isso. Ele logo aparecerá. – Removeu um fio de cabelo da testa de Jéssica. – Preciso voltar ao campo de pouso agora. A segunda nave auxiliar está para chegar a qualquer momento, trazendo a força reserva de meu estado-maior.

– Hawat não pode recebê-los? Milorde parece tão cansado.

– O bom Thufir está ainda mais ocupado que eu. Você sabe que este planeta está infestado de Harkonnen e suas intrigas. Além disso, preciso tentar convencer alguns dos caçadores de especiaria treinados a não irem embora. Eles têm essa opção, sabe, com a mudança de suserania... e é impossível comprar o tal planetólogo que o imperador e o Landsraad empossaram como Juiz da Transição. Ele vai permitir a opção. Cerca de oitocentos operários treinados esperam partir no transporte de especiaria e há um cargueiro da Guilda a postos.

– Milorde... – ela não completou a frase, hesitante.

– Sim?

Ele não se deixará convencer a não tentar tornar este planeta seguro para nós, ela pensou. E não posso usar meus truques com ele.

– A que horas espera jantar? – ela perguntou.

Não era isso que ela ia dizer, ele pensou. Aaaah, minha Jéssica, eu queria que estivéssemos em outro lugar, qualquer lugar longe deste lugar horrível: sozinhos, nós dois, sem preocupações.

– Vou comer no refeitório dos oficiais no campo – ele disse. – Não me espere até muito tarde. E... ah, vou mandar um carro da guarda pegar Paul. Quero que ele participe de nossa conferência estratégica.

Ele limpou a garganta, como se fosse dizer mais alguma coisa; então, sem aviso, deu meia-volta e se pôs a andar, a caminho da entrada onde, pelo barulho, ela deduziu que mais caixas eram depositadas. A voz dele soou uma vez, vinda de lá, imperiosa e cheia de desdém, da maneira que ele sempre falava com os serviçais quando estava com pressa:

– Lady Jéssica está no Grande Átrio. Vá ter com ela imediatamente.

A porta externa foi batida com violência.

Jéssica se virou, encarou o quadro do pai de Leto. Tinha sido pintado por um artista renomado, Albe, quando o Velho Duque já estava na meia-idade. Estava retratado com o traje de toureiro, com uma capa magenta atirada sobre o ombro esquerdo. O rosto parecia jovem, dificilmente mais velho do que Leto era agora, e com os mesmos traços aquilinos, o mesmo olhar cinzento. Com os punhos fechados à altura dos quadris, ela olhou furiosamente para a pintura.

– Maldito! Maldito! Maldito! – sussurrou.

– Quais são suas ordens, bem-nascida?

Era a voz de uma mulher, fraca e gutural.

Jéssica girou sobre os calcanhares e viu-se diante de uma mulher baixa, ossuda, de cabelos grisalhos, enfiada num vestido-saco deselegante, na cor parda dos escravos. A mulher parecia tão enrugada e ressequida quanto qualquer membro da turba que os recebera no caminho desde o campo de pouso naquela manhã. Todo nativo que ela tinha visto naquele planeta, Jéssica pensou, parecia seco como uma passa e subnutrido. Ainda assim, Leto tinha dito que eram fortes e vigorosos. E havia os olhos, claro – aquela tintura do mais profundo e escuro azul, sem o branco –, sigilosos, misteriosos. Jéssica fez força para não encará-la.

Sem mover o pescoço, a mulher acenou com a cabeça e disse:

– Chamam-me shadout Mapes, bem-nascida. Quais são suas ordens?

– Pode se dirigir a mim como “milady” – Jéssica disse. – Não sou da nobreza. Sou a concubina comprometida do duque Leto.

Mais uma vez, aquele estranho aceno, e a mulherzinha examinou Jéssica com um olhar intrigado e malicioso.

– Há uma esposa, então?

– Não há e nunca houve. Sou a única... companheira do duque, a mãe de seu herdeiro oficial.

Ainda enquanto falava, Jéssica riu internamente do orgulho por trás de suas palavras. *O que foi mesmo que Santo Agostinho disse?*, ela se perguntou. *“A mente comanda o corpo, e ele a obedece. A mente dá uma ordem a si mesma e encontra resistência.”* Sim: ando encontrando mais resistência ultimamente. Preciso fazer um retiro.

Um grito esquisito veio da rua lá fora. E se repetiu: “Suu-suu-Suuk! Suu-suu-Suuk!”. E depois: “Ikhut-eigh! Ikhut-eigh!”. E de novo: “Suu-suu-Suuk!”.

– O que é isso? – Jéssica perguntou. – Ouvi várias vezes ao passar de carro pelas ruas hoje de manhã.

– É só um vendedor de água, milady. Mas a senhora não precisa se preocupar com esses tipos. A cisterna aqui tem capacidade para cinquenta mil litros e está sempre cheia. – Ela olhou para seu vestido. – Ora, sabe de uma coisa, milady? Não preciso usar meu trajestilador aqui. – Ela gargalhou. – E ainda não morri!

Jéssica hesitou, querendo interrogar aquela mulher fremen, precisando de dados para orientá-la. Mas era mais urgente pôr ordem na bagunça do castelo. Ainda assim, ela achou perturbadora a ideia de que a água fosse um sinal tão grande de riqueza ali.

– Meu marido falou-me de seu título, shadout – Jéssica disse. – Reconheci a palavra. É muito antiga.

– Conhece as línguas antigas, então? – Mapes perguntou, e esperou com uma estranha veemência.

– As línguas são as primeiras coisas que uma Bene Gesserit aprende – Jéssica respondeu. – Conheço a bhotani jib e a chakobsa, todas as línguas de caça.

Mapes assentiu.

– Exatamente como nas lendas.

E Jéssica se perguntou: *Por que continuo com esta farsa?* Mas os métodos das Bene Gesserit eram tortuosos e irresistíveis.

– Conheço as Coisas Misteriosas e a doutrina da Grande Mãe – Jéssica disse. Identificou os sinais mais óbvios nas ações e na aparência de Mapes, as pequenas inconfidências. – *Miseces preja* – ela disse, na língua chakobsa. – *Andral t're pera! Trada cik buscakri miseces perakri...*

Mapes deu um passo atrás, aparentemente prestes a sair correndo.

– Sei muitas coisas – Jéssica disse. – Sei que você teve filhos, que perdeu entes queridos, que se escondeu de medo, que cometeu atos de violência e ainda cometerá outros. Sei muitas coisas.

Em voz baixa, Mapes disse:

– Não quis ofendê-la, milady.

– Você fala da lenda e busca respostas – Jéssica disse. – Cuidado com as respostas que encontrar. Sei que veio preparada para agir com violência, trazendo uma arma em seu corpete.

– Milady, eu...

– Há uma possibilidade remota de que você consiga derramar meu sangue – Jéssica disse –, mas, ao fazê-lo, acarretaria mais ruína do que seus temores mais absurdos conseguiriam imaginar. Há coisas piores que a morte, sabe... mesmo para um povo inteiro.

– Milady! – Mapes implorou. Parecia prestes a cair de joelhos. – A arma foi enviada como um presente para a *senhora*, caso milady se revelasse a Predestinada.

– E como o instrumento de minha morte, caso eu me revelasse outra coisa – Jéssica disse. Ela aguardou com a aparente tranquilidade que tornava as pessoas treinadas pelas Bene Gesserit tão aterradoras em combate.

Agora veremos para que lado penderá a decisão, ela pensou.

Lentamente, Mapes enfiou a mão no decote de seu vestido e de lá tirou uma bainha escura. Dela se projetava uma empunhadura negra, com sulcos profundos para os dedos. Ela tomou a bainha numa das mãos e o cabo na outra, sacou uma arma branca como o leite, ergueu-a. A lâmina parecia brilhar e cintilar com luz própria. Apresentava dois

gumes, como um kindjal, e a lâmina tinha, talvez, uns vinte centímetros de comprimento.

– Sabe o que é isto, milady? – Mapes perguntou.

Jéssica sabia que só poderia ser uma coisa: a lendária dagacris de Arrakis, a arma branca que nunca saíra do planeta e só era conhecida por meio de rumores e conversa fiada.

– É uma dagacris – ela disse.

– Cuidado com o que diz – Mapes disse. – Sabe o que significa?

E Jéssica pensou: *A pergunta teve algo de incisivo. Eis a razão para esta fremen estar a meu serviço, para fazer essa pergunta. Minha resposta pode levar à violência ou... o quê? Ela quer uma resposta minha: o significado de uma faca. Ela é chamada de shadout na língua chakobsa. A faca, a faca é “Criador da Morte” em chakobsa. Ela está ficando impaciente. Preciso responder agora. A demora é tão perigosa quanto a resposta errada.*

Jéssica disse:

– É um criador...

– Aiiiiii! – chorou Mapes. Era um som tanto de pesar quanto de exultação. Ela estremeceu com tanta força que a lâmina da faca disparou pequenos reflexos cintilantes por toda a sala.

Jéssica esperou, aprumada. Sua intenção tinha sido dizer que a faca era um *criador da morte* e depois acrescentar a palavra antiga, mas todos os seus sentidos agora a alertavam, todo o intenso treinamento para a prontidão que revelava significados no mais casual dos espasmos musculares.

A palavra-chave era... *criador*.

Criador? Criador.

Ainda assim, Mapes segurava a faca como se estivesse preparada para usá-la.

Jéssica disse:

– Você pensou que eu, conhecendo os mistérios da Grande Mãe, não conheceria o Criador?

Mapes baixou a faca.

– Milady, quando se convive há tanto tempo com a profecia, o momento de revelação é um choque.

Jéssica pensou na profecia – a Shariá e toda a panoplía propheticus. Uma Bene Gesserit da Missionaria Protectora descera ali